

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO SÓCIO ECONÔMICO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA ADMINISTRAÇÃO**

Fernanda Silva Teodoro

**A CONTRIBUIÇÃO DO INTERCÂMBIO ACADÊMICO NA FORMAÇÃO DOS  
ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE SANTA CATARINA**

Florianópolis

2016



Fernanda Silva Teodoro

**A CONTRIBUIÇÃO DO INTERCÂMBIO ACADÊMICO NA FORMAÇÃO DOS  
ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE SANTA CATARINA**

Trabalho de Curso apresentado à disciplina CAD  
7305 como requisito parcial para a obtenção do  
grau de Bacharel em Administração pela  
Universidade Federal de Santa Catarina.  
Área de concentração: Gestão Pública.  
Orientador: Prof. Pedro Antônio de Melo, Dr.

Florianópolis

2016

Fernanda Silva Teodoro

**A CONTRIBUIÇÃO DO INTERCÂMBIO ACADÊMICO NA FORMAÇÃO DOS  
ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE SANTA CATARINA**

Este Trabalho de Curso foi julgado adequado e aprovado na sua forma final pela Coordenadoria de Estágios e Monografias do Departamento de Ciências da Administração da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 21 de junho de 2016.

---

Prof<sup>a</sup>. Evelize Welzel Dr<sup>a</sup>.  
Coordenadora de Trabalho de Curso

**Professores Avaliadores:**

---

Prof. Pedro Antônio de Melo, Dr.  
Orientador  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof<sup>a</sup>. Luciane Stallivieri, Dra.  
Avaliador  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Julio Eduardo Ornelas Silva, Doutorando.  
Avaliador  
Universidade Federal de Santa Catarina

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus.

Agradeço a minha família pelo suporte recebido durante os meus anos de estudo, agradeço especialmente a minha mãe Valéria, ao meu pai Wilson e ao meu irmão Vítor.

Agradeço também ao meu orientador Professor Dr. Pedro Antônio de Melo, pela orientação e pelos conhecimentos proporcionados durante o estágio.

Agradeço a Professora Dra. Luciane Stallivieri, por sua atenção e auxílio em minha pesquisa.

Agradeço ao Julio Eduardo Ornelas Silva, por estar sempre disponível em auxiliar nessa etapa.

Agradeço aos entrevistados que contribuíram para que essa pesquisa fosse realizada.

Agradeço a todos, que contribuíram direta e indiretamente para a conclusão deste trabalho.

## RESUMO

A internacionalização no ensino superior se tornou essencial no mundo, para que haja a troca e renovação de conhecimentos. A mobilidade acadêmica é uma grande tendência nesse fenômeno, sendo o intercâmbio uma das formas de realizar essa transferência de conhecimentos. Assim procurou-se entender quais as contribuições do intercâmbio acadêmico na formação dos estudantes do curso de Graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Catarina. A pesquisa caracteriza-se como descritiva aplicada e realizada por meio da aplicação de questionários e entrevistas com uma seleção do público-alvo, com abordagem quantitativa. Depois da análise qualitativa dos dados obtidos, foram selecionados os pontos julgados relevantes e produziu-se uma comparação entre teoria e prática. Como resultado constatou-se que as principais contribuições na formação dos estudantes são de cunho pessoal e profissional; as principais motivações para o intercâmbio são a língua, conhecer novos lugares e pessoas novas. O processo de internacionalização da Universidade Federal de Santa Catarina é determinado por meio do Plano de Desenvolvimento Institucional 2015-2019.

**Palavras-chave:** Internacionalização. Mobilidade Estudantil. Ensino Superior. Intercâmbio. Administração. UFSC.

## ABSTRACT

The internationalization of higher education has become essential in the world, so that it will guarantee exchange and knowledge renewal. Academic mobility is a major trend in this phenomenon, and the exchange is one way to accomplish the transfer of knowledge. In order to do that it has been tried to understand what are the contributions of academic exchange in the academic education of undergraduate students in the Management course of the Universidade Federal de Santa Catarina. The research is characterized as descriptive and it was conducted through questionnaires and interview with the selected target group, with a quantitative approach. After the qualitative data analysis the relevant points were selected and a comparison between theory and practice was produced. As a result it was observe that the main contributions for the academic education of the students are of personal and professional nature; the main motivations for the exchange are language, visiting new places and meeting new people, the process of internationalization of the Universidade Federal de Santa Catarina is determined through the Institutional Development Plan 2015- 2019.

**Keywords:** Internationalization. Student Mobility. Higher Education. Exchange. Bussiness. UFSC.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Coleta de dados .....	34
Quadro 2 - Resumo dos métodos da pesquisa .....	36
Quadro 3 - Motivos para escolha do país para realizar o intercâmbio.....	44
Quadro 4 - Motivações para buscar um programa de intercâmbio .....	47
Quadro 5 - Expectativas em relação ao intercâmbio .....	49
Quadro 6 – Expectativas que foram realizadas.....	52
Quadro 7 - O que ocorreu além das expectativas .....	55
Quadro 8 - Contribuições profissionais do intercâmbio .....	57
Quadro 9 - Contribuições pessoais do intercâmbio .....	59

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Principais nações receptoras no ano de 2013 .....	26
Gráfico 2 - Principais destinos de estudantes de Ensino Superior no ano de 2014 .....	27
Gráfico 3 - Sexo.....	39
Gráfico 4 - Idade.....	39
Gráfico 5 - Renda mensal familiar.....	40
Gráfico 6 - Ano de início dos estudos na UFSC.....	40
Gráfico 7 - O intercâmbio foi realizado por meio da UFSC.....	41
Gráfico 8 - Ano em que realizou o intercâmbio .....	42
Gráfico 9 - Duração do intercâmbio .....	42
Gráfico 10 - País em que foi realizado o intercâmbio .....	43

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AUGM	Associação de Universidades Grupo Montevideu
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo
IELTS	<i>International English Language Testing System</i>
IIE	<i>International Institute of Education</i>
MEC	Ministério da Educação
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
OECD	<i>Organisation for Economic Cooperation and Development</i>
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
SINTER	Secretaria de Relações Internacionais
TOEFL	<i>Test of English as a Foreign Language</i>
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior
UNESCO	<i>United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization</i>
CA	Colégio de Aplicação
NDI	Núcleo de Desenvolvimento Infantil

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
1.1. OBJETIVOS.....	12
<b>1.1.1 Objetivo Geral .....</b>	<b>13</b>
<b>1.1.2 Objetivos Específicos.....</b>	<b>13</b>
1.2. JUSTIFICATIVA .....	13
1.3. ESTRUTURA DO TRABALHO.....	14
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>16</b>
2.1. SURGIMENTO DAS UNIVERSIDADES.....	16
2.2. A INTERNACIONALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR.....	17
2.3. MOBILIDADE ESTUDANTIL NA EDUCAÇÃO SUPERIOR .....	20
2.4. MOBILIDADE NA AMÉRICA LATINA E NO MERCOSUL .....	22
2.5. MOBILIDADE ESTUDANTIL NO BRASIL.....	24
2.6. PERFIL DOS INTERCAMBISTAS DE ENSINO SUPERIOR.....	26
2.7. PRINCIPAIS NAÇÕES RECEPTORAS DE INTERCAMBISTAS .....	26
2.8. MOTIVAÇÕES PARA REALIZAÇÃO DA MOBILIDADE ACADÊMICA .....	28
2.9. EXPECTATIVAS E CONTRIBUIÇÕES DO PROGRAMA DE INTERCÂMBIO.....	28
<b>3. METODOLOGIA .....</b>	<b>30</b>
3.1. CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO.....	30
3.2. DELIMITAÇÃO DA PESQUISA .....	31
3.3. COLETA DE DADOS .....	32
3.4. ANÁLISE DE DADOS.....	34
3.5. LIMITAÇÕES DA PESQUISA.....	35
3.6. RESUMO DOS MÉTODOS DA PESQUISA .....	35
<b>4. ANÁLISE DE RESULTADOS .....</b>	<b>37</b>
<b>5. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES .....</b>	<b>62</b>
5.1. SUGESTÕES PARA TRABALHOS FUTUROS .....	64
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>65</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>71</b>

## 1. INTRODUÇÃO

As Universidades desde a Idade Média já eram internacionalizadas, pois o propósito nessa época era adquirir novos conhecimentos e propiciar novas experiências em diferentes partes do mundo (STALLIVIERI, 2004).

Com a globalização no âmbito da educação é preciso que os trabalhadores possuam competência que os permita circular por diversas culturas, falar outros idiomas, pensar globalmente e criar estratégias de internacionalização (DOS SANTOS SILVA; LIMA; RIEGEL, 2013).

Assim, as instituições no atual contexto precisam de maior acesso à informação e inserção dos países na sociedade do conhecimento; desse modo, a internacionalização deve ser voltada para atender as novas demandas decorrentes do mundo globalizado desde o final do século XX e que se tornam mais intensas na atualidade (CASTRO; CABRAL NETO, 2012).

Frente ao novo cenário mundial as instituições de ensino superior têm como função promover e gerar conhecimento e dentro da internacionalização tem o papel de propiciar aos estudantes a chance de realizar vivências internacionais para que esses possam gerar novos conhecimentos. Portanto, nesse panorama as instituições sentem-se compelidas a realizar cooperação internacional, e reconhecem que por meio dela será propiciado o necessário para o ensino, pesquisa e extensão (STALLIVIERI, 2004). Desse modo as instituições de ensino superior vêm na internacionalização uma forma de diversificar interesses, habilidades, e aspirações dos estudantes (HOLM-NIELSEN, L. B., et al, 2009).

O termo internacionalização no ensino superior tem inúmeras definições, uma delas diz que se refere a um processo de interação nas dimensões internacionais e interculturais no ensino, pesquisa e serviços funcionais da instituição. Nesse conceito o processo de internacionalização é um processo dinâmico e não isolado. A interação é a chave quando se quer que a internacionalização seja o objetivo final de uma política ou programa e não somente mais um item dentro deles. O processo de internacionalização não é orientado somente para uma mudança geográfica, mas também para mudanças culturais, de etnias, e linguagem mesmo dentro de um único país (KNIGHT, 1997).

A internacionalização fornece um desafio e uma oportunidade por meio da individualidade de cada país, do sistema de educação, e até a instituição em si. Dessa maneira, é necessário realizar abordagens diferentes para diversas instituições de ensino superior que irão participar do processo de internacionalização (KNIGHT, 2004).

No entanto, o processo de internacionalização só ocorre se fizer parte da missão das instituições de ensino superior. Dessa maneira, supõe-se que ao se comprometer com a internacionalização a Universidade já está aceitando a diversidade cultural e a troca de conhecimentos. Todos os participantes devem estar comprometidos e envolvidos tendo em vista a disponibilidade de recursos monetários e humanos. Outro quesito que se deve ter são os objetivos explícitos e alinhados com as estratégias já definidas obedecendo ao calendário e os recursos previamente definidos. É necessário também que as diretrizes estejam direcionadas para o desenvolvimento e para mensurar as ações de cooperação (STALLIVIERI, 2004).

A internacionalização não é apenas a adaptação ao currículo da instituição hospedeira. Faz parte desse fenômeno o bem-estar dos indivíduos, de modo que haja adaptação cultural, de linguagem e etnias. Assim para a efetividade e sucesso da internacionalização todos os envolvidos no processo devem colaborar para que isso ocorra (NEVES; NORTE, 2011)

A cooperação internacional tem por objetivo ajudar a instituição de ensino superior no alcance de sua missão social; dessa maneira a cooperação internacional deve:

[...] ser considerada como instrumento e estratégia para o melhor cumprimento da missão social da Universidade, especialmente no estabelecimento de alianças sólidas entre instituições ou centros de pesquisa, mas também no estabelecimento de alianças com o setor produtivo, entidade empresariais, etc. (STALLIVIERI, 2004, p. 49).

A cooperação internacional se torna uma forma de igualar o nível das instituições de ensino ao redor do mundo; desse modo passa a ser parte da Universidade como um todo.

Assim, a partir dessas informações a pergunta que se propõe a responder é: Quais as motivações e contribuições do intercâmbio acadêmico na formação dos estudantes do curso de Graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Catarina?

### 1.1. OBJETIVOS

Com o intuito de delimitar o que é abordado neste trabalho de curso, traçou-se um objetivo geral e três objetivos específicos. O primeiro representa o foco do estudo, já o segundo são as ações empregadas para responder de forma satisfatória o que foi proposto no objetivo geral.

### **1.1.1 Objetivo Geral**

Analisar as motivações e contribuições do intercâmbio acadêmico na formação dos estudantes de Graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Catarina.

### **1.1.2 Objetivos Específicos**

- Identificar a institucionalização da internacionalização na Universidade Federal de Santa Catarina.
- Levantar as motivações dos estudantes de Graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Catarina para realização do intercâmbio.
- Verificar as contribuições pessoais e profissionais que o intercâmbio proporciona aos estudantes de curso de Graduação Administração da Universidade Federal de Santa Catarina.

## **1.2. JUSTIFICATIVA**

O tema mobilidade estudantil ainda é pouco explorado na academia levando em conta o número de publicações existentes na base de dados de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES). Ao pesquisar o termo mobilidade estudantil encontrou-se somente 40 artigos publicados na língua portuguesa, 8 na língua inglesa e 7 na língua espanhola. Sobre o tema internacionalização na educação superior na mesma base de dados são apresentados apenas 27 artigos publicados na língua portuguesa, 7 na língua inglesa e 5 na língua espanhola.

A originalidade do tema tem destaque por ser pouco estudado na academia; porém, deverá ter grande relevância devido às bolsas e programas de intercâmbios fornecidos em nosso país em diversas instituições de ensino superior. Entretanto, a mobilidade estudantil é um tema bastante abordado internacionalmente e inclusive diversos autores estrangeiros realizam estudos sobre o Brasil.

Do mesmo modo, pode-se considerar que a mobilidade estudantil é relevante considerando a criação do programa Ciência sem Fronteiras pelo governo brasileiro. O Programa tem por objetivo favorecer a solidificação, ampliação e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da

mobilidade internacional. Entende-se que a mobilidade estudantil é um tema importante para o nosso país. Dessa maneira há muitos estudantes no programa Ciência sem Fronteiras; este programa prevê a partir da sua criação em 2014 até o ano de 2018 a oferta de 101 mil bolsas de estudos para estudantes de graduação e pós-graduação para cursos da área de tecnologia (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2015)

O estudo é viável porque será realizado na Universidade Federal de Santa Catarina com estudantes e ex-estudantes do curso de Administração, o que permitirá que a coleta de dados seja realizada de forma eficiente, uma vez que será realizada na instituição que a autora pertence e no curso que realiza.

Por fim, entendeu-se que o tema do estudo ainda é pouco explorado principalmente na área selecionada para estudo sobre as contribuições que o intercâmbio proporciona aos estudantes.

### 1.3. ESTRUTURA DO TRABALHO

O presente estudo está dividido em cinco capítulos. O primeiro deles é a parte introdutória juntamente com a pergunta de pesquisa; contém a justificativa, que demonstra a relevância do trabalho, as contribuições acadêmicas, assim como a viabilidade do estudo. Estão definidos os objetivos gerais e específicos que foram determinantes na condução deste estudo.

O segundo, apresenta a fundamentação teórica que é composta por uma pesquisa bibliográfica. O capítulo inicia com as definições sobre internacionalização, inclui uma contextualização histórica mundial e brasileira sobre o assunto. Posteriormente está definido o que é a mobilidade estudantil e em seguida está apresentado um panorama mundial e brasileiro acerca do assunto. A seguir é apresentado de que modo essa mobilidade se sucede no Brasil, de maneira a demonstrar sua ocorrência nas instituições de ensino superior.

No terceiro capítulo está explicitado o processo metodológico utilizado neste estudo, de modo a aprofundar qual a natureza da pesquisa, expondo os métodos característicos, o delineamento, delimitação, técnicas de análise de dados e limitação da pesquisa utilizados na constituição deste estudo assim com os usados na pesquisa a ser realizada sobre a formação dos estudantes do curso de Administração da Universidade Federal de Santa Catarina.

No quarto capítulo será apresentada a instituição de ensino onde a pesquisa foi realizada (Universidade Federal de Santa Catarina), depois é explicitada a institucionalização da internacionalização que está inserida no Plano de Desenvolvimento Institucional 2015-2019,

em seguida estão explicitados os resultados da pesquisa e a análise dos dados obtidos com as entrevistas, e comparação entre teoria e prática obtida por meio da pesquisa realizada neste estudo.

No quinto capítulo são apresentadas as conclusões do trabalho, também se os objetivos definidos foram alcançados e sugestões para trabalhos futuros.

Em seguida foram listadas as referências bibliográficas utilizadas neste estudo.

Os anexos são apresentados finalizando o trabalho.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1. SURGIMENTO DAS UNIVERSIDADES

As Universidades desde a Idade Média em sua essência já era a internacionalizadas. As “universitas”, como eram chamadas as instituições europeias, dispunham de professores e estudantes de diversos países e regiões. Desse modo esse grupo internacional se reunia com a finalidade de buscar o conhecimento (STALLIVIERI, 2002).

De acordo com Durkheim (1992), as Universidades de Bolonha e de Paris foram as primeiras da Europa. A Universidade de Bolonha foi criada em 1088 sendo composta por estudantes e professores de diversas nações. Assim como a Universidade de Bolonha pode-se destacar a Universidade de Paris criada no século XII e efetivamente reconhecida em 1200; porém nesse caminho acabou por ser acolhida dentro da Igreja Católica.

Morosini (2006), afirma que a internacionalização está presente nas relações entre as Universidades, devido à natureza produtora de conhecimento, e que estas sempre tiveram como diretriz a internacionalização da pesquisa. Sebastián (2004) também enfatiza que “ a dimensão internacional sempre esteve presente na educação superior e constitui um elemento fundamental na própria natureza das Universidades”.

Desse modo, as “universitas” são espaços culturais que contém “a universalidade, multidisciplinariedade das visões do mundo, posições filosóficas, tendências científicas e políticas” (STALLIVIERI, 2004, p. 15), ainda contém os diversos modos de pensar dos seres humanos que são criados em diversas partes do planeta.

Assim, as Universidades são geradores de conhecimento:

[...] a universidade tem contribuído para as rápidas transformações tecnológicas, para a evolução dos meios de comunicação e para a velocidade com que circulam as informações, que têm aproximado os povos e têm feito com que as populações tenham acesso muito rápido e direto ao que está ocorrendo nos lugares mais longínquos do globo, gerando um acelerado processo de internacionalização. (STALLIVIERI, 2002, p. 3).

Portanto, a globalização está inserida no âmbito da educação, e torna-se necessário que se recrute trabalhadores que tenham competência, que os permita circular por diversas culturas, falar outros idiomas, pensar globalmente e criar estratégias de internacionalização do setor (DOS SANTOS SILVA; LIMA; RIEGEL, 2013).

Então é citado que:

No atual contexto marcado pelo aumento do acesso à informação, pela necessidade de inserção dos países na sociedade do conhecimento, pela redução de custos de formação e por um melhor aproveitamento da

infraestrutura de comunicação, a internacionalização no campo da educação é reconfigurada para atender a esses novos requerimentos decorrentes das mudanças impressas pela dinâmica social que se delineiam nos anos finais do século XX e se aprofundam neste início de século. [...] (CASTRO; CABRAL NETO, 2012, p. 3).

Assim, com o acelerado processo de internacionalização se torna mais efetivo, principalmente nos últimos 20 anos, no nível científico e tecnológico, as Universidades devem se adequar a esse novo cenário que tende a ganhar o seu espaço. A questão não é somente sobreviver e sim que é necessário se internacionalizar para competir igualmente com as melhores instituições de ensino superior nacionais e estrangeiras (STALLIVIERI, 2004).

Nas últimas duas décadas, nos países desenvolvidos, muda a interação entre estado e universidade, também para com a economia; assim a universidade começa a atender às demandas do mercado e social. Esses aspectos afirmam um novo conceito em relação ao estado, do mesmo modo há a modificação do sistema universitário de modo a ser voltado para o crescimento econômico assim como para os interesses do mercado (KRAWCZYK, 2008).

Atualmente, as transformações atingem cada vez mais o globo com a internacionalização da vida social e da economia, fazendo com que se reduza a importância das fronteiras. Portanto a forma como se seleciona, interpreta e se reage aos estímulos externos são fatores valorosos para o homem do século XXI. Então os novos estímulos podem ser analisados de duas formas: aproveitar as oportunidades ou não aproveitá-las. A primeira exige adaptação ao novo contexto de mundo globalizado, já a segunda exclui o estudante de vivenciar a nova ordem com visão pluridimensional (NEVES; NORTE, 2011)

As Universidades tornam o que está ocorrendo no mercado em conhecimento que pode solucionar os problemas sociais, nacionais e globais, assim ressalta-se que:

As transformações da última década foram muito profundas e, apesar de terem sido dominadas pela mercadorização da educação superior, não se reduziram a isso. Envolveram transformações nos processos de conhecimento e na contextualização social do conhecimento. [...]. A resistência tem de envolver a promoção de alternativas de pesquisa, de formação, de extensão e de organização que apontem para a democratização do bem público universitário, ou seja, para o contributo específico da universidade na definição de solução coletiva dos problemas sociais, nacionais e globais. (SANTOS, 2005, p. 61).

## 2.2. A INTERNACIONALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Assim é constante o debate e exploração da relação entre internacionalização e globalização (KNIGHT, 2005). De acordo com Tanoue e Morilas (2013), a globalização é um

fenômeno que ganha destaque nos últimos anos, e o fenômeno influencia nas esferas social, econômica, política e tecnológica. Atinge também as instituições de ensino superior, obrigando-as a se adaptar às novas demandas sociais e que as expressões globalização e internacionalização estão intimamente ligadas. Porém a globalização e a internacionalização são diferentes como apresentado que:

Globalização e internacionalização são relacionadas, mas não a mesma coisa. Globalização é o contexto das tendências econômicas e acadêmicas que são parte da realidade do século XXI. Internacionalização inclui a política e práticas realizadas por sistemas e instituições acadêmicas e até mesmo por indivíduos para lidar com o ambiente acadêmico globais. As motivações para a internacionalização incluem vantagens comerciais, conhecimento, aquisição de línguas, enriquecimento de currículo com conteúdo internacional, entre outros. Iniciativas específicas, como campi, acordos de colaboração transfronteiriças, programas para estudantes internacionais, estabelecendo programas de inglês de nível médio e diplomas, e outras têm sido postas em prática como parte de internacionalização. Os esforços para monitorar iniciativas internacionais e assegurar a qualidade são essenciais para o ambiente do ensino superior internacional. (ALTBACH; KNIGHT, 2007, p. 290, tradução nossa).

De acordo com Knight (2005), a internacionalização pode ter diferentes significados para diferentes pessoas e assim usada em vários sentidos. Apesar do crescimento e atenção dada à internacionalização, ainda se confunde o que o termo realmente significa. Para alguns quer dizer atividades internacionais como mobilidade de estudantes e professores, parcerias e projetos intencionais, novos programas acadêmicos internacionais e iniciativas de pesquisa. Para outros significa a entrega de educação em outros países por meio de novos arranjos, como franquias, novos campus e por meio do uso de comunicação pessoal e a distância. Para muitos significa inclusão das dimensões internacional, intercultural e global no currículo, nos professores e no método de aprendizagem. Outros entendem como desenvolvimento de projetos internacionais e aumento na ênfase em intercâmbio internacional na educação superior. A confusão é frequente e há tensão no fato de o termo internacionalização ser utilizado para descrever três tipos de atividades transfronteiriças:

- a) Intercâmbios e parcerias internacionais transfronteiriços;
- b) Empreendimentos comerciais;
- c) Projetos de desenvolvimento internacional.

O termo internacionalização no ensino superior tem inúmeras definições; porém na minha concepção, a internacionalização, segue a mesma vertente que Knight (1997, p. 8):“Internacionalização da educação superior é um processo de integração nas dimensões internacional e intercultural no ensino, pesquisa e serviços funcionais da instituição.” Assim

nesse conceito o processo de internacionalização é um processo dinâmico e não isolado, e ainda a interação é a chave quando se quer que a internacionalização seja o objetivo final de uma política ou programa e não somente mais um item dentro deles.

Assim, para que ocorra efetivamente a internacionalização interinstitucional existem algumas condições de acordo com Stallivieri (2004):

- a) Reconhecer que existem de atores, protagonistas da cooperação;
- b) Os participantes devem estar envolvidos e comprometidos, levando em conta a disponibilidade de recursos humanos e financeiros;
- c) Os objetivos devem estar claramente definidos e coerentes com as estratégias de execução;
- d) Os projetos devem estar contidos no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), das instituições de ensino, intensificando os benefícios e otimizando os níveis de desenvolvimento dos envolvidos;
- e) Devem ser traçadas atividades bem definidas, de modo a obedecer ao cronograma e orçamentos predefinidos
- f) Estipular meios de mensurar o desenvolvimento e as ações realizadas.

Luna (2000) afirma que a entrada da universidade no cenário acadêmico internacional é a expressão maior de sua plenitude. De acordo com Luna (2000 p. 8), "A universidade é uma instituição de criação, divulgação, crítica e promoção dos conhecimentos, das culturas e do saber universal."

Então as Universidades devem proporcionar aos estudantes a oportunidade de se internacionalizar, por meio de programas de intercâmbios, e também propiciar que intercambistas venham para o campus de modo a proporcionar diversas oportunidades internacionais, sendo elas culturais, linguísticas e acadêmicas (SOUTO, 2004).

Assim é defendido que:

A efetividade em um projeto de intercâmbio significa mais que a adaptação ao currículo da instituição hospedeira. Ter comportamento efetivo em um intercâmbio é simplesmente viver feliz e confortável e ter sucesso acadêmico em uma nova forma de cultura. Simples o bastante – desde que competências que levem à efetividade e ao sucesso fluam, não somente do lado dos estudantes, mas de todos os envolvidos no processo (NEVES; NORTE, 2011, p. 4-5)

Com isso em mente o processo de internacionalização não é orientado somente para uma mudança geográfica, mas também uma mudança para diferentes culturas, etnias e linguagem mesmo dentro de um mesmo país. (KNIGHT, 1997). E complementa citando que internacionalização gera desafios e oportunidades por meio da individualidade de cada país,

do sistema de educação, e até a instituição de ensino. Desse modo são necessárias abordagens diferentes para diferentes instituições de ensino superior que farão parte do processo de internacionalização (KNIGHT, 2004).

Lima e Maranhão (2009) dizem que a internacionalização pode acontecer de duas formas. São elas a internacionalização ativa que tem por características a presença de políticas de Estado que tenham por objetivo a atração e acolhimento de estudantes assim como serviços acadêmicos internacionais.

Desse modo dentro da internacionalização existe um fenômeno chamado mobilidade acadêmica, no caso deste estudo na educação superior, que será apresentado a seguir.

### 2.3. MOBILIDADE ESTUDANTIL NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

A mobilidade acadêmica na educação superior é um fenômeno que está inserido na internacionalização, sendo assim é crescente a tendência de programas de mobilidade de modo que ocorra a troca de informações entre diferentes comunidades acadêmicas.

A *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO) (1998) fala sobre mobilidade:

[...] a mobilidade de estudantes entre instituições de diferentes nacionalidades é um aspecto da internacionalização crescente entre os países de todo tipo de relação e de populações. Os deslocamentos dos estudantes por meio das regiões e países são, em parte, um meio para que os jovens possam mostrar sua consciência crescente do mundo, assim como seu interesse em se preparar para viver em um mundo independente. Simultaneamente, os governos e os empregadores estão conscientes de que a futura população ativa deve compor-se de especialistas bem formados e atentos ao mundo, se o que se deseja é assegurar a prosperidade nos níveis, regional e individual (UNESCO, 1998).

Apesar da mobilidade estudantil não ser um fenômeno novo, atualmente está voltada para o processo de globalização e adaptada as novas tendências de internacionalização de ensino superior. A mobilidade no ensino superior engloba vários fatores e processos que são cotidianos das pessoas, incluindo, o sistema de transporte, a gestão desses espaços, as interações espaciais até as dinâmicas geográficas específicas. A mobilidade estudantil não é somente o movimento de deslocamento; engloba muito mais aspectos, pois é social e envolve estruturas, meios, culturas e significados (CASTRO; CABRAL NETO, 2012, p. 9).

Essa mobilidade estudantil pode ocorrer por meio do intercâmbio desse modo Dalmolin et al. (2013) argumenta que o intercâmbio é uma forma de troca informações, crenças, culturas e

conhecimentos. Assim, a vivência em outro país possibilita conhecer hábitos diferentes e específicos, proporciona novas perspectivas, auxilia na gestão de dificuldades; desse modo, o intercambista deve se adaptar ao ambiente, encarar desafios e principalmente crescimento e fortalecimento emocional.

Segundo a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (2012) o intercâmbio é uma oportunidade de conhecer novas culturas, sistemas políticos, organizações sociais, aprender e aprimorar novo idioma. Ressalta-se a necessidade de investir na formação de pessoal imensamente qualificado nas competências e habilidades precisas para o avanço da sociedade do conhecimento; prosperar a presença de pesquisadores e estudantes de diversos níveis em instituições de excelência no exterior e promover a inserção internacional das instituições brasileiras pela abertura de oportunidades equivalentes para cientistas e estudantes estrangeiros.

Desse modo com a globalização a mobilidade estudantil cada vez mais se intensifica devido à valorização do conhecimento, integração das nações e divulgação de culturas por meio da internet. Com isso tem-se que:

A mobilidade de estudantes, professores e de gestores intensificam, com muita voracidade, os laços transnacionais, estabelecendo conexões e criando redes de saber universal. Essas redes aproximam as comunidades científicas de diferentes partes do planeta, reforçando a premissa de que é no seio da universidade que devem ocorrer os grandes avanços científicos e tecnológicos e a efetiva integração. Confere-se autoridade para tomada de decisões e ouve-se a comunidade científica universitária, pois está intrínseca na vida acadêmica a dimensão internacional que ela deve ter. A cooperação internacional passa a ser um objetivo comum das sociedades científicas mundiais, pois, por meio da internacionalização das instituições, assegura-se a qualidade e a eficácia na renovação e na socialização do conhecimento produzido (STALLIVIERI, 2002, p. 17).

Para corroborar com Stallivieri o autor Filipetti (2007) cita que a mobilidade internacional estudantil é almejada por todos, pois cria um grau de superioridade acadêmica e assim isso pode demonstrar em termos políticos, econômicos e culturais aos países acolhedores, de modo que contribui para:

- a) dispor de uma diplomacia influente;
- b) atrair os melhores estudantes estrangeiros no objetivo de construir uma vivência;
- c) extrair dessas atividades benefícios econômicos;
- d) beneficiar-se de mão de obra qualificada;

- e) lutar contra a fuga de cérebros; e
- f) administrar a imigração não controlada.

De acordo com as UNESCO (2009) depois de 1999 houve 53% de aumento, com crescimento médio de 5,5% ao ano. No ano de 2007, mais de 2,8 milhões de estudantes frequentavam cursos superiores no exterior e com isso houve aumento de 4,6% em relação ao ano anterior. Assim no de 2014, no mundo todo 4,5 milhões de estudantes estavam em mobilidade internacional, e espera-se que no ano de 2025 8 milhões de estudantes estejam realizando mobilidade acadêmica (INTERNATIONAL INSTITUTE OF EDUCATION, PROJECT ATLAS, 2015).

#### 2.4. MOBILIDADE NA AMÉRICA LATINA E NO MERCOSUL

Os países da América Latina estão cada vez mais ativos no mercado global da mobilidade estudantil na educação superior. Entre 1993 e 2002 o número de estudantes latino-americanos que estudavam em cursos de nível superior nos Estados Unidos da América cresceu 50% (cinquenta por cento) (HOLM-NIELSEN, L. B., et al, 2009).

Para os países da América Latina o desafio é promover o aprendizado, pesquisa, oportunidades de empresa para talentos individuais de modo que sejam oferecidos suprimentos suficientes e habilidades avançadas para sua economia. Passos importantes já foram tomados para aumentar a habilidade dos trabalhadores, a educação superior mais que dobrou nas duas décadas passadas e continua se expandindo, as oportunidades se diversificaram, a administração universitária se descentralizou para que aumente a responsabilidade dos estudantes e das indústrias. (HOLM-NIELSEN, L. B., et al, 2009).

No Mercado Comum do Sul (MERCOSUL) pode-se destacar como iniciativa de mobilidade estudantil a Associação de Universidades Grupo Montevideu (AUGM) que é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, que consiste em agrupamentos acadêmicos que tem por objetivo o enfoque multidisciplinar, com temáticas amplas, que ofertadas a partir de cooperações acadêmico científicas nas Universidades do grupo. (AUGM, s/d).

Assim a AUGM foi fundada em:

[...] 1991, quando 12 reitores de universidades públicas do Mercosul, autônomas, autogovernadas e com disponibilidade de recursos, assinaram ata de intenção fundacional estendida ao reconhecimento de seus Estatutos no

Registro de Pessoas Jurídicas de Direito Internacional Uruguaio. (NEVES; MOROSINI, 1996, p. 21)

Desse modo, seus objetivos são:

Contribuir para o fortalecimento e consolidação de uma massa crítica de recursos humanos de alto nível, com base nas vantagens comparativas da capacidade instalada na região a saber; Pesquisa científica e tecnológica, incluindo os processos de inovação, adaptação e transferência de tecnologia em áreas estratégicas; A formação contínua, registrado no desenvolvimento integral dos povos da sub-região; A estrutura e função de gestão das universidades que compõem a Associação; A interação de seus membros com a sociedade como um todo, espalhando os avanços no conhecimento que a propiciam a modernização. (AUGM, s/d)

Atualmente a AUGM conta com trinta e uma Universidades membros, sendo que onze estão localizadas na Argentina, onze no Brasil, três no Chile, três no Paraguai, duas na Bolívia e uma no Uruguai. O Grupo mantém alguns convênios e acordos sendo eles com a UNESCO, FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo), Universidade de Coimbra, Parlamento do MERCOSUL, entre outros. (AUGM, s/d).

Entre suas áreas de atuação estão: agroalimentar; água; atenção primária à saúde; ciências políticas e sociais; desenvolvimento regional; energia; gênero; história, regiões e fronteiras; meio ambiente; processos cooperativos e associativos e saúde animal com ênfase nos seguintes núcleos disciplinares: biofísica; ciência dos materiais e engenharia; doação e transplante; educação para a integração; ensinar espanhol e português; avaliação institucional, planejamento estratégico e gestão da universidade; engenharia mecânica e de produção; literatura, imaginário, estética e cultura; matemática aplicada; bioativos produtos e aplicações naturais; química; redes acadêmicas; meteorologia aplicada e sensoriamento remoto; virologia molecular (AUGM, S/d).

Seus programas de acordo com AUGM (s/d) são:

- Núcleos Disciplinares, que são grupos técnicos acadêmicos que tem um interesse em comum;
- Comissões Acadêmicas, onde acadêmicos e técnicos treinados para atender utilizando uma abordagem multidisciplinar com configurações gerais das temáticas consideradas estratégicas;
- Nível Educacional, é um programa de mobilidade acadêmica de docentes e pesquisadores que tem por objetivo a efetiva construção do espaço comum ampliado acadêmico;
- Escala Estudantil, programa de mobilidade estudantil entre as universidades membros que promove o intercâmbio acadêmico e cultural;

- Mobilidade na Pós-graduação, promove a mobilidade de estudantes de mestrado e doutorado dentro do grupo de universidades membros.
- Conferência de Jovens Cientistas, promove o relacionamento precoce entre cientistas da região.
- Seminário Internacional Universidade-Sociedade-Estado, seminário anual onde membros considerados de interesse estratégico em determinado campo são enviados a países da comissão onde seja de interessa aquele campo de estudo;
- Rede de cidadãos e Universidades AUGM, promove o planejamento e implantação de atividades em conjunto com governos locais, por meio da implementação de políticas públicas.

## 2.5. MOBILIDADE ESTUDANTIL NO BRASIL

A internacionalização no Brasil inicia com a criação da Universidade de São Paulo, que sempre foi uma instituição voltada para o mundo. No início havia um corpo docente formado por professores europeus e era frequentada por filhos de imigrantes europeus que haviam imigrado para o Brasil. Assim esses professores formavam uma rede de conhecimento cosmopolita (DOS SANTOS SILVA; LIMA; RIEGEL, 2013).

As universidades brasileiras têm papel bastante importante na mobilidade acadêmica nas instituições de ensino superior. No final dos anos 80 e início dos anos 90, são criados novos setores em diversas espécies de organização. Com isso várias Universidades brasileiras criaram esse tipo de setor, de modo a ter estrutura para cooperação direta, que até então era realizado somente por órgãos oficiais como o governo e seus ministérios (SIEBIGER, 2013).

Porém somente nas duas últimas décadas a internacionalização ganhou força e ativa para que a internacionalização fosse inserida nas academias de ensino superior. O processo de internacionalização no Brasil ocorre de diversas maneiras, ele pode ocorrer com o esforço do governo e instituições (LAUS; MOROSINI, 2005).

Assim muitas instituições de ensino superior brasileiras também têm propósitos e objetivos voltados para a mobilidade estudantil, onde a maioria presa por acordos bilaterais com universidades estrangeiras (DOS SANTOS SILVA; LIMA; RIEGEL, 2013).

É citado que:

A internacionalização das universidades é estratégica para a política governamental brasileira e o desenvolvimento científico e institucional

universitário. Os interesses particulares de docentes e discentes também convergem para a busca de parcerias de mobilidade internacional: experiência cultural, proficiência em língua estrangeira, melhores chances no mundo produtivo, na carreira, melhores salários, formação de redes científicas e profissionais para o futuro, novos contatos, acesso a recursos e a equipamentos internacionais, a novos olhares, à cooperação na pesquisa, etc (NEVES; NORTE, 2011, p. 4).

Os principais atores da internacionalização na educação superior no Brasil, por meio do Governo Federal, são o Ministério da Educação, o Ministério de Ciências, Tecnologia e o Ministério de Relações Exteriores e as Instituições de Ensino Superior. Cada um deles desempenha seu papel. O Ministério da Educação (MEC) é o principal ator do processo de internacionalização e é o agente regulador do processo; o Ministério de Ciências e Tecnologia é responsável por coordenar e desenvolver o complexo nacional de ciência, tecnologia e inovação e desenvolver políticas na área; Já o Ministério de Relações Exteriores, atua em três áreas integradas. São elas: recebimento de cooperação técnicas, bilaterais e multilaterais; cooperação técnica entre países em desenvolvimento e cooperação técnica e científica (LAUS; MOROSINI, 2005).

Nesse sentido, Neves e Norte (2011) defendem que a produção científica no Brasil está crescendo em um ritmo quatro vezes maior que o da média mundial. No ano de 2009 o Brasil publicava 2% dos artigos científicos em revistas indexadas internacionalmente, ocupando o 15º lugar no ranking mundial. Esse panorama faz com que o Brasil busque parcerias acadêmicas internacionais. Deve-se buscar parcerias de mobilidade internacional, de modo que seja valorizada a pesquisa científica e tecnológica brasileiras, visando as diretrizes estabelecidas pela comunidade científica nacional em parceria com o governo e formas de cooperação em intercâmbios que venham a ser efetivas.

De acordo com o MEC (2015) no ano de 2015 foram ofertadas 101 mil vagas para estudantes de ensino superior no programa Ciência sem Fronteiras, sendo 75 mil bolsas financiadas pelo governo federal e 26 mil financiadas pela iniciativa privada. Os estudantes podem escolher os seguintes países para realizar o intercâmbio Estados Unidos, Reino Unido, Alemanha, Itália, Austrália, Canadá, Dinamarca, China, Holanda, Espanha, Índia, Irlanda, França, entre outros.

Apesar da grande visibilidade do programa Ciência sem Fronteiras, que é voltado somente para a área tecnológica e saúde, ainda não existe um programa de tanta notoriedade voltado para a área das ciências sociais. Porém segundo Tanoue e Morilas (2013), a partir de 2000, surgem várias iniciativas de internacionalização no Brasil, também surgem novas políticas do governo. São parte dessas novas iniciativas as Bolsas Ibero-Americanas e Luso-Brasileiras do

Banco Santander e Programa USP de Bolsas de Intercâmbio Internacional para preencher essas bolsas de Graduação que promovem a mobilidade acadêmica são escolhidos estudantes com desempenho acadêmico de destaque.

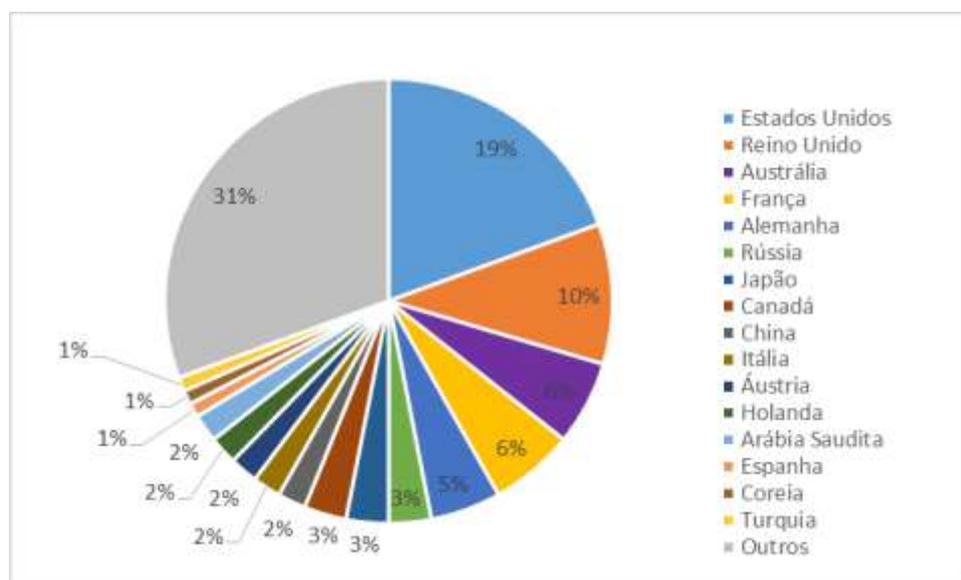
## 2.6. PERFIL DOS INTERCAMBISTAS DE ENSINO SUPERIOR

Segundo o Ministério do Turismo (2010) a maioria dos intercambistas são estudantes universitários que possuem entre 18 e 25 anos, Richards e Wilson (2003) complementam que a maioria deles tem abaixo de 26 anos. BILLAUD (2007) complementa dizendo que ao examinar o público de estudantes de ensino superior em todos os países estudados o número de mulheres que realizavam intercâmbio superava o de homens.

## 2.7. PRINCIPAIS NAÇÕES RECEPTORAS DE INTERCAMBISTAS

Portanto ao escolher um local para realizar o programa de intercâmbio algumas nações são preferidas em relação a outras, abaixo serão relacionadas algumas delas.

Gráfico 1 - Principais nações receptoras no ano de 2013

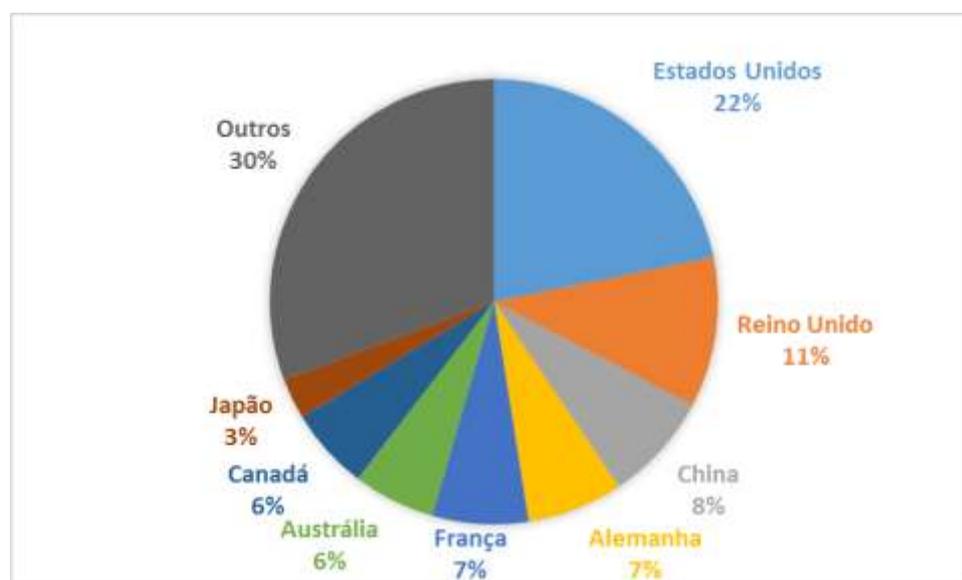


Fonte: Adaptado *Organization for Economic Cooperation and Development (OCDE)*, 2016

Na liderança de país receptor de estudantes de ensino superior estão os Estados Unidos representando 19%, em segundo lugar Reino Unido com 10%, seguido pela Austrália e França com 6% cada, após Alemanha com 5% cada uma, seguida pela Rússia, Japão e Canadá representado 3% cada, China, Itália, Áustria, Holanda e Arábia Saudita representam cada uma 2%, constituem 1% cada Espanha, Coreia e Turquia, todos os outros países representam 31%.

Juntamente como a *Organization for Economic Cooperation and Development* (OCDE), em seu relatório *Economic, Environmental and Social Statistics* cita o país de preferência para realização do intercâmbio no ano de 2013, temos o *International Institute of Education* que disponibiliza números sobre o ano de 2014.

Gráfico 2 - Principais destinos de estudantes de Ensino Superior no ano de 2014



Fonte: Adaptado *Atlas of Student Mobility, International Institute of Education (IIE), 2015*

Segundo o IIE no ano de 2014, 4,5 milhões de estudantes de ensino superior estão fora de seu país de origem para realizar estudos. Entre os países que mais recebem estudantes internacionais estão Estado Unidos da América continua na liderança com 22% dos estudantes, seguido pelo Reino Unido com 11%, China com 8%, Alemanha e França representam 7% cada uma, Austrália e Canadá 6% cada, Japão recebe 3%, todos os outros países representam em conjunto 31%.

## 2.8. MOTIVAÇÕES PARA REALIZAÇÃO DA MOBILIDADE ACADÊMICA

Inúmeros estudantes têm preferência ao escolher o destino para realização do programa de intercâmbio. Há motivos para escolher determinado destino entre eles estão qualidade da instituição, localização do país e/ou instituição, língua vigente no país, semelhança com o país de origem, influência de amigos e/ou familiares, oportunidades e facilidades (STALLIVIERI, 2009). Todos esses motivos podem estar não só relacionados com o país, bem como com a motivação para busca da mobilidade em si.

O Ministério do Turismo (2010) aponta alguns estímulos para escolher o destino. São eles: motivação pessoal; desenvolvimento profissional; qualidade das instituições de ensino superior; oportunidade; programas de mobilidade; fatores geográficos, históricos, políticos, linguísticos e econômicos. Também aponta motivações para realização do programa de intercâmbio: explorar outros países, descanso e diversão, visita a parentes e amigos, estudar fora, trabalhar fora, voluntariado, curso de línguas e/ou aperfeiçoamento da língua.

De acordo com Richards e Wilson (2003) o motivo principal para que os estudantes escolham certo país e realizem um programa de intercâmbio pode estar relacionado com explorar/conhecer novas culturas, seguido por ter novas vivências, aumentar seus conhecimentos, conhecer pessoas novas e lugares novos, ter mais contato social, experiência individual. Assim longas viagens tendem a ser uma chance única na vida, os jovens poupam energia, dinheiro para garantir que a viagem seja dessa forma.

## 2.9. EXPECTATIVAS E CONTRIBUIÇÕES DO PROGRAMA DE INTERCÂMBIO

Nesse sentido alguns dos motivos apresentados por Richards e Wilson (2003), Ministério do Turismo (2010) e Stallivieri (2009) podem ser considerados como expectativas e/ou contribuições.

O Ministério do Turismo (2010) também cita algumas expectativas dos intercambistas tais como conhecer lugares, novas culturas, diversão (atividades complementares), aventura e prática de esportes), contato com a natureza, crescimento e desenvolvimento pessoal e profissional e independência.

O que pode-se comprovar com a fala de Dalmolin et al. (2013) é que o intercâmbio gera uma oportunidade de compreender outras culturas, métodos políticos diferenciados,

instituições sociais, aprender e aprimorar um idioma. Desse modo permite crescimento tanto profissional quanto pessoal. Entrando no mérito das contribuições pessoais ainda Oliveira; Pagliuca (2012, p 196) cita o “desenvolvimento psicológico, autoconfiança, amadurecimento, independência, capacidade de relacionar-se [...]”.

Riccio e Sakata (2006) conclui em sua pesquisa as seguintes contribuições: visão de novos modos de pensamento, aprendizado por meio de diferentes estilos de ensino, enriquecimento do aprendizado, relacionamentos internacionais, aprendizado de novo idioma, interculturalidade, esquecimento do currículo e habilidades para competir em um ambiente global.

Otero (2008) contribui ainda dizendo em seu estudo que mais da metade dos intercambistas relatam que as mudanças estão relacionadas a carreira e aspirações, mudanças relacionada a valores pessoais, reportaram enriquecimento do aprendizado, mudança na compreensão de outras culturas e etnias, também foi relatado maior fluência na segunda língua e em alguns casos até na terceira língua após o programa de mobilidade acadêmica.

Desse modo as expectativas quando realizadas se tornam contribuições tanto na vida profissional, acadêmica ou pessoal dos intercambistas. Assim as experiências vivenciadas e acontecimentos nesse período fora de seu país de origem podem gerar contribuições como independência, conhecimento de novas culturas e novas línguas, fazer novas amizades, aumento do conhecimento, como apresentado por diversos autores nos tópicos acima, seja qual for o destino ou instituição escolhida para realização do intercâmbio.

### 3. METODOLOGIA

Esse capítulo tem por objetivo apresentar os procedimentos metodológicos utilizados no presente estudo.

#### 3.1. CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

A natureza da pesquisa é básica. Este tipo de pesquisa segundo Kauark, Manhães e Medeiros (2010) tem por objetivo gerar conhecimentos novos e proveitosos para a evolução da ciência, porém sem aplicação prática prevista. Esse tipo de pesquisa engloba verdades e interesses universais, a pesquisa se enquadra nessa natureza pois gera novos conhecimentos para a ciência, mas possui utilização prática prevista.

Caracteriza-se pelo método indutivo, Marconi e Lakatos (2010) afirmam que é um processo que a partir de dados, suficientemente averiguados conclui-se uma verdade geral ou universal não presentes nos dados examinados. Assim o objetivo do método é a conclusão cuja essência é mais extensa que as premissas em que se fundamenta.

No método indutivo os conhecimentos gerados devem ser confirmados de forma a levar em conta o conhecimento prévio, mas de modo a constatá-lo partindo de casos concretos confirmadores da realidade e por meio desse método se chega a conclusões (GIL, 2012).

Desse modo o estudo se encaixa no método indutivo porque as conclusões obtidas através da pesquisa realizada são mais vastas que os conhecimentos em que é fundamentada e assim usa esses como meio de comprovação da realidade para chegar aos resultados.

Tem uma abordagem qualitativa que, para Godoy (1995) esse tipo de pesquisa não enumerara e/ou mede nos fatos estudados. Também não são utilizadas ferramentas estatísticas para a análise dos dados. Para o autor parte das questões ou áreas de interesses mais extensos são definidos conforme o desenvolvimento do estudo. Engloba a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos por meio do contato do pesquisador com a situação estudada, de maneira a compreender as situações de acordo com a perspectiva dos sujeitos, isto é, dos participantes do fenômeno em estudado.

Nas palavras de Silva e Menezes (2005), a pesquisa qualitativa considera a existência de uma relação dinâmica entre a realidade e o indivíduo, ou seja, existe algo inseparável entre o mundo real e a subjetividade do sujeito que não pode ser resumido em números. Desse modo a análise dos fenômenos e a conferência de significados são funções do processo de pesquisa qualitativa. Não é necessário o uso de métodos e técnicas estatísticas. Assim o ambiente

natural é a fonte direta de coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É uma pesquisa descritiva onde os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. Logo a população estudada tem uma relação que indissociável da realidade que é não pode ser mensurado numericamente, e não se fez preciso o uso de técnicas estatísticas.

A pesquisa caracteriza-se como pesquisa descritiva aplicada que de acordo com Prodanov e Freitas (2013) ocorre quando o pesquisador só registra e relata os fatos averiguados sem que haja interferência sobre eles. Esse tipo de pesquisa tem por objetivo expor características de uma população ou fenômeno ou relacionar variáveis, além de determinar a frequência que o fenômeno ocorre. Assim a pesquisa descritiva engloba técnicas padronizadas de coleta de dados.

Sobre a pesquisa descritiva aplicada Gil (2012) ressalta que o objetivo primordial é a descrição das características de determinada população, fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis.

Dessa forma esse estudo realizou o registro e relato de dados sem interferência sobre os mesmos, explicitando as especificidades da população definindo as características dessa e relação entre as variáveis utilizando técnicas de coleta de dados padronizada.

### 3.2. DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

A população é um conjunto de elementos que a pesquisa abrange, e a partir desses deve-se encontrar conclusões válidas. A população abrange todos aqueles que possuem as características a serem avaliadas e generalizadas na pesquisa. A partir da população se seleciona uma parte dos elementos de uma população (BARBETTA, 2012).

No presente estudo a população consiste em todos os estudantes de administração da Universidade Federal de Santa Catarina que realizaram intercâmbio acadêmico de janeiro de 2010 a dezembro de 2015, que totalizam uma população de 102 indivíduos. Assim se faz necessário realizar a seleção de forma não probabilística que de acordo com Silva e Menezes, (2012) é uma técnica de onde não realiza a seleção aleatória, e se acredita no julgamento do pesquisador.

Da população de estudantes de Administração da Universidade Federal de Santa Catarina que participaram de programas de intercâmbio acadêmico do ano de 2010 a 2015 foram selecionados 15 indivíduos graduandos e graduados do curso de Administração da

Universidade Federal de Santa Catarina pela técnica por julgamento ou intencional onde os elementos da amostra são selecionados por meio do julgamento do pesquisador (MALHOTRA ET AL., 2005).

### 3.3. COLETA DE DADOS

Como instrumento de coleta de dados foram utilizadas 14 questões sendo 5 questões fechadas e 8 questões abertas, realizados em forma de entrevista presencial e questionário on-line.

O pré-teste foi realizado de 5 de abril de 2016 a 8 de abril de 2016, com 3 indivíduos da população da pesquisa. Malhotra (2006) apresenta que o pré-teste, um teste da entrevista a ser realizada com uma pequena amostra da população que visa apontar e eliminar possíveis problemas e até mesmo aperfeiçoá-lo por meio desse teste prévio. Assim com o pré-teste foi realizada a reformulação de algumas questões para que não houvesse ambiguidade na interpretação

A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de 15 questionários, contidos no Apêndice A, sendo 7 entrevistas realizadas de forma presencial e 8 foram realizadas por meio de questionário respondidos on-line. Foram realizadas do período de 18 de abril de 2016 a 9 de maio de 2016.

Desse modo este estudo tem como técnica a entrevista que é uma ferramenta básica de coleta de dados. Definida como uma conversa verbal realizada face a face, entre duas pessoas, onde um indivíduo tem o papel de entrevistador e outro de entrevistado, é realizado de forma pautada o que pode ser capaz de fornecer as informações necessárias e conclusões satisfatórias. A conduta de cada um pode variar de acordo com o estilo de entrevista. Porém todos esses tipos tem um objetivo em comum, angariar informações e assimilar as concepções e experiências dos entrevistados. O tipo de entrevista pode ser classificado em semiestruturada de modo que o entrevistador tem autonomia para prosseguir na direção que julgar apropriada, o que fornece o controle de investigar mais extensamente a questão (MARCONI; LAKATOS; 2009).

Em vista disso a técnica utilizada é a entrevista posto que foram realizadas perguntas entre duas pessoas, face a face com perguntas ordenadas, com o propósito de averiguar as concepções e experiências do entrevistado, utilizando-se de entrevista semiestruturada,

disponível no Apêndice A, onde o entrevistador possui autonomia para tomar a direção julgada apropriada para a averiguar amplamente o fenômeno.

Também pode ser classificada como técnica o questionário que é uma coleta de dados estruturada que é composta por perguntas escritas que o entrevistado precisa responder, tem objetivo, assim como a entrevista, finalidade conseguir informações dos entrevistados acerca do tema, seu tipo misto que inclui perguntas não-estruturadas, que são perguntas abertas onde o entrevistado responde com suas palavras; perguntas estruturadas que possuem alternativas as quais o respondente deve escolher, e perguntas dicotômicas que fornecem duas alternativas, sim e não (MALHOTRA, 2006).

Tem como técnica também a pesquisa bibliográfica que segundo Gil (2002) que é produzida a partir de materiais já elaborados compostos especialmente de livros e artigos científicos. O principal benefício desse modo de pesquisa é propiciar ao pesquisador a cobertura de uma vasta extensão de fenômenos, mais ampla do que se o mesmo estivesse pesquisando diretamente; se torna uma grande vantagem quando os dados acerca da pesquisa estão difundidos. Foi empregada a técnica bibliográfica na elaboração da fundamentação teóricas onde foram utilizados livros e artigos científicos para realização da mesma, de modo que foi fornecido grande extensão de fenômenos para confecção da mesma.

Também é utilizada a técnica de pesquisa documental que de acordo com Marconi e Lakatos (2012) realizada somente com documentos, escritos ou não, podem ser coletadas no momento e que o fenômeno acontece ou posteriormente. Podem ser pesquisada em arquivos públicos, arquivos particulares e fontes estatísticas. Dentre os tipos de documento inclusos os escritos, abrangidos por documentos oficiais, publicações parlamentares, documentos jurídicos, fontes estatísticas, publicações administrativas, documentos particulares; e outros como iconográfica, fotografias, objetos vestuários. Desse modo a técnica documental foi empregada na verificação da institucionalização da internacionalização da Universidade Federal de Santa Catarina, através do PDI 2015-2019.

Quadro 1 - Coleta de dados

<b>Objetivos Específicos</b>	<b>Coleta de Dados</b>	<b>Fonte de Dados</b>
Levantar quais as principais influências do intercâmbio na formação dos estudantes de curso de Graduação Administração da Universidade Federal de Santa Catarina.	Pesquisa documental e entrevistas	Internet, Livros e entrevistas realizadas com estudantes do curso de Administração da Universidade Federal de Santa Catarina.
Verificar as contribuições pessoais e acadêmicas que o intercâmbio proporciona aos estudantes de curso de Graduação Administração da Universidade Federal de Santa Catarina.	Pesquisa documental e entrevistas	Internet, Livros e entrevistas realizadas com estudantes do curso de Administração da Universidade Federal de Santa Catarina.
Identificar como ocorre o processo de internacionalização na Universidade Federal de Santa Catarina.	Pesquisa documental	PDI UFSC 2015-2019

Fonte: Elaborado pela autora.

### 3.4. ANÁLISE DE DADOS

Na análise dos dados foi utilizado o método interpretativo de Triviños (1987); esse método de análise do conteúdo começa com a pré-análise, orientado pelas referências teóricas e objetivos, nessa parte se realiza a codificação, classificação e a categorização dos dados obtidos, nesse ponto estão elaborados os gráficos e quadros de referência com o conteúdo a ser analisado, reunindo as informações em busca de sínteses coincidentes e as divergências de ideias, ou de concepções “neutras”, ou seja que não estão ligados especialmente a nenhuma teoria.

Na interpretação referencial foi realizada a conexão entre o material produzido na pré-análises e o referencial teórico, realizou-se uma reflexão com embasamento nos materiais empíricos, demonstrando as relações entre um e outro, aprofundado análise sustentando em dados quantitativos e no referencial teórico (TRIVIÑOS,1987).

### 3.5. LIMITAÇÕES DA PESQUISA

As principais limitações do estudo foram a falta de obtenção de informações dos entrevistados, porque os dados fornecidos acerca deles não especificavam telefones para contato ou e-mail. Também se apresentou como um limitador a incompatibilidade de horários para realização da entrevista presencial, resistência em fornecer informações e falta de interesse sobre a pesquisa e tema.

O presente trabalho realizou um estudo unicamente com graduandos e graduados do curso de Administração da Universidade Federal de Santa Catarina, portanto os resultados não podem ser generalizados para outras instituições de ensino devido ao cenário da pesquisa e análise ter se restringido somente ao curso de Administração da UFSC. A coleta de dados realizada de forma não estatística pode ser considerando outro limitado. Finalmente pode-se considerar o tempo como limitador impossibilitando a realização de maior quantidade de entrevistas.

### 3.6. RESUMO DOS MÉTODOS DA PESQUISA

Em resumo, para um panorama geral dos métodos científicos utilizados para desenvolvimento dessa pesquisa, serão apresentados no Quadro 2 - Resumo dos métodos de pesquisa abaixo.

Quadro 2 - Resumo dos métodos da pesquisa

<b>Aspectos Metodológicos</b>	<b>Especificação</b>
<b>Natureza da pesquisa</b>	Básica
<b>Método de pesquisa</b>	Indutivo
<b>Caractéristica da pesquisa</b>	Abordagem qualitativa
<b>Delineamento da pesquisa</b>	Quanto aos fins, é descritiva aplicada
	Quanto às técnicas, são entrevista, questionário, documental.
<b>Delimitação da pesquisa</b>	População: Estudantes do curso de Administração da Universidade Federal de Santa Catarina que realizaram intercâmbio acadêmico
	Seleção não probabilística por julgamento.
<b>Técnicas de análise de dados</b>	Método interpretativo de Triviños (1987)
<b>Limitações da pesquisa</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>*Falta de obtenção de informações dos entrevistados acerca de meios para contato.</li> <li>*Incompatibilidade de horários para realização da entrevista presencial.</li> <li>*Resistência em fornecer informações.</li> <li>*Falta de interesse sobre a pesquisa e tema.</li> <li>*Universo estudado se restringe a graduandos e graduados do curso de Administração da Universidade Federal de Santa Catarina.</li> <li>*Coleta de dados realizada de forma não estatística.</li> <li>Tempo.</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora.

#### 4. ANÁLISE DE RESULTADOS

Para que a internacionalização seja plena, de acordo com Stallivieri (2004) é necessário que os participantes devem estar envolvidos e comprometidos, e que também é necessário ter objetivos claramente definidos e coerentes com as estratégias de execução; os projetos devem estar contidos no PDI (Plano de Desenvolvimento Institucional), das instituições de ensino, entre outros.

A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) foi fundada no ano de 1960, e fornece ensino de forma gratuita e pública. Possui sede principal em Florianópolis e outras 4 unidades distribuídas pelo estado de Santa Catarina. (UFSC, 2015a). A UFSC no vestibular do ano de 2015 ofertou 6511 vagas para seus 105 cursos de graduação (UFSC, 2015b); conta ainda com o Colégio de Aplicação (CA) e o Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI) que fornecem ensino infantil ao médio (UFSC, 2015a). No ano de 2014 contava com 157 cursos de pós-graduação incluindo especialização, mestrado acadêmico, mestrado profissional, doutorado e pós-doutorado, com 16.325 alunos matriculados (UFSC,2014a).

Desse modo a Universidade Federal de Santa Catarina em seu PDI 2015-2019 tem entre um de seus valores ser: “Internacionalizada - Uma instituição capaz de intensificar parcerias e convênios com instituições internacionais, contribuindo para o seu desenvolvimento, o do Brasil e o de outras nações.” (UFSC, 2014b, p. 23).

Assim, conforme o PDI 2015-2019, a UFSC conta com políticas de ensino voltadas para a internacionalização:

OBJETIVO 13 – AMPLIAR A INTERNACIONALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES DA UFSC. Metas: • Incrementar ações e projetos de cooperação internacional; • Fomentar a cooperação institucional, interinstitucional, nacional e internacional em redes de pesquisa, principalmente as de alta complexidade; • Fomentar a participação de docentes, discentes e servidores técnico-administrativos em eventos científicos internacionais para apresentação de trabalhos; • Ampliar a publicação em revistas indexadas em bases de referência internacional; • Incentivar o intercâmbio internacional do corpo discente e programas de dupla titulação e de cotutela. (UFSC, 2014b, p. 43).

Dessa maneira a UFSC já iniciou a sua internacionalização e cita UFSC (2014b, p 106) “A internacionalização é uma realidade irreversível das universidades no mundo inteiro.” Dentro do país a internacionalização será um critério que definirá a qualidade da graduação e da pós-graduação e também no aporte de verbas públicas, expansão e avaliação de cursos. A

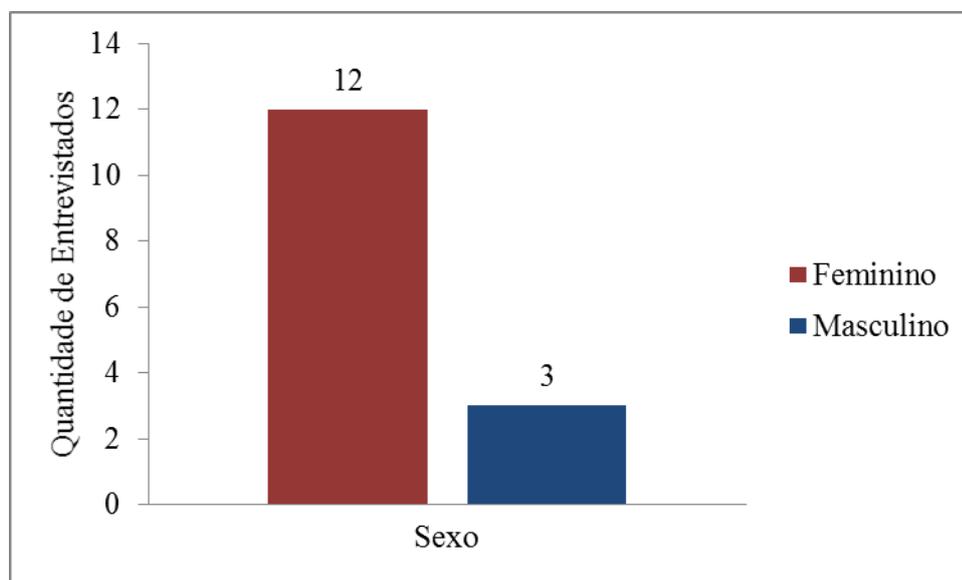
UFSC no quesito internacionalização desfruta de uma posição confortável em qualquer ranking nacional sobre o tema, sempre entre os dez primeiros lugares.

De acordo com o PDI UFSC 2015-2019 “Em torno de 2% dos estudantes da UFSC são internacionais, de intercâmbio temporário (graduação sanduíche) ou alunos convênios (PEC-G, PEC-PG, PAEC-GCUB), e 10% dos estudantes regulares da UFSC têm realizado intercâmbio no exterior.” A UFSC tem como meta, ao final do atual quinquênio, ter no mínimo de 5% da população estudantil da graduação como internacionais e no mínimo 5% de seus alunos da graduação em intercâmbio, o que culmina com que 25% dos alunos terem experiência internacional (UFSC,2014b).

A UFSC, segundo seu PDI 2015-2019, pretende continuar a sua internacionalização da seguinte maneira, levando em conta que os últimos anos houve aumento nas relações internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina, que diversos convênios foram realizados e que a quantidade de estudantes da UFSC em Universidades do exterior vem crescendo. Assim como elevou-se o número de missões, intercâmbio ao nível de graduação e pós-graduação e também das cooperações conjuntas de pesquisa. Além de programas do Governo Federal, muitos professores, por meio de grupos de pesquisa, programas de pós-graduação tem auxiliado no aumento de iniciativas de internacionalização e até por meio de iniciativa individual dos estudantes que buscam essa experiência internacional. Na Universidade Federal de Santa Catarina a SINTER (Secretaria de Relações Internacionais) disponibiliza várias informações em seu site. (UFSC, 2014b).

A seguir será apresentada a análise dos resultados obtidos por meio das entrevistas realizadas pela pesquisadora.

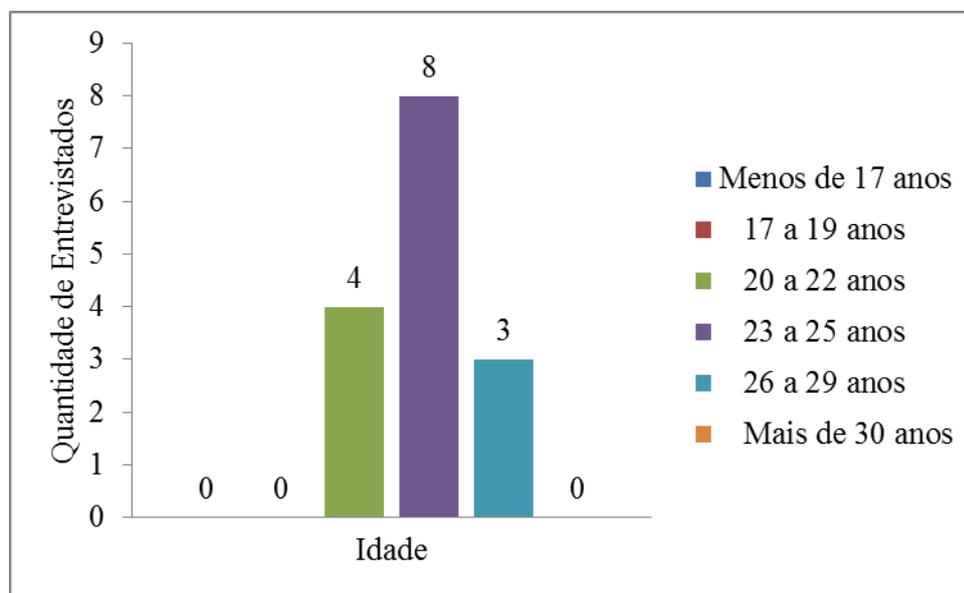
Gráfico 3 - Sexo



Fonte: Elaborado pela autora.

Analisando os dados pode-se verificar que as mulheres são a maioria dos respondentes.

Gráfico 4 - Idade

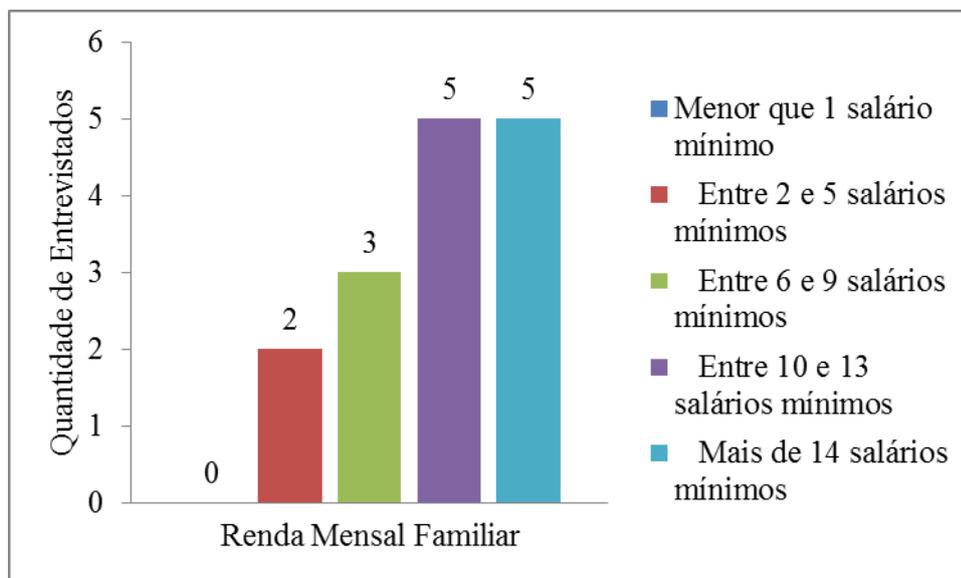


Fonte: Elaborado pela autora.

Os dados analisados revelam que mais da metade dos entrevistados possuem entre 23 e 25 anos, quatro respondentes tem entre 20 e 22 anos e três deles tem entre 17 e 19 anos. Estes dados podem ser confirmados com a pesquisa do Ministério do Turismo (2010) que diz que

os intercambistas são estudantes universitários os quais tem entre 18 e 25 anos e por meio da fala de Richards e Wilson (2003) a maioria dos estudantes de mobilidade acadêmica de ensino superior tem abaixo de 26 anos.

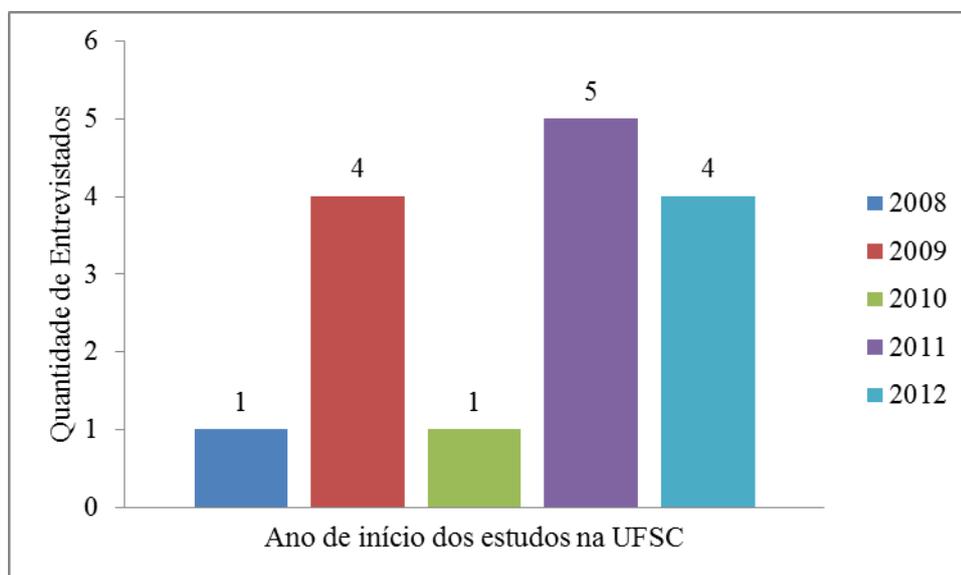
Gráfico 5 - Renda mensal familiar



Fonte: Elaborado pela autora.

Analisando o gráfico conclui-se que 5 estudantes têm renda mensal familiar entre 10 e 13 salários mínimos, outros 5 tem renda mensal maior que 14 salários mínimos, 2 estudantes tem salário entre 2 e 5 salários e outros 3 ganham entre 6 e 9 salários mínimos.

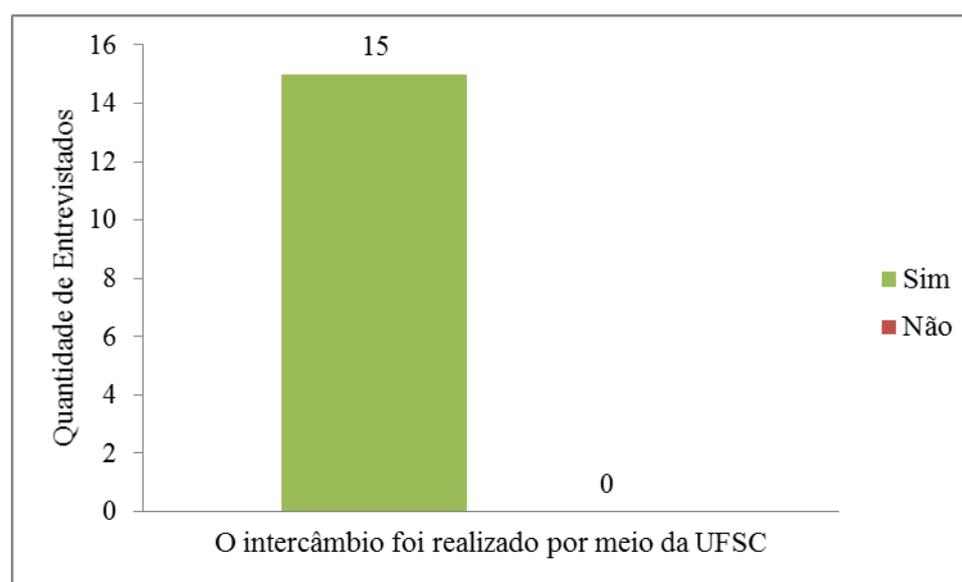
Gráfico 6 - Ano de início dos estudos na UFSC



Fonte: Elaborado pela autora.

Com a análise do gráfico nota-se que a maioria dos estudantes, 5, iniciaram o estudo no ano de 2011, 4 estudantes entrevistados iniciaram o estudo no ano de 2009, outros 4 no ano de 2012, 1 iniciou no ano de 2008, e 1 entrevistado(a) iniciou na UFSC no ano de 2010.

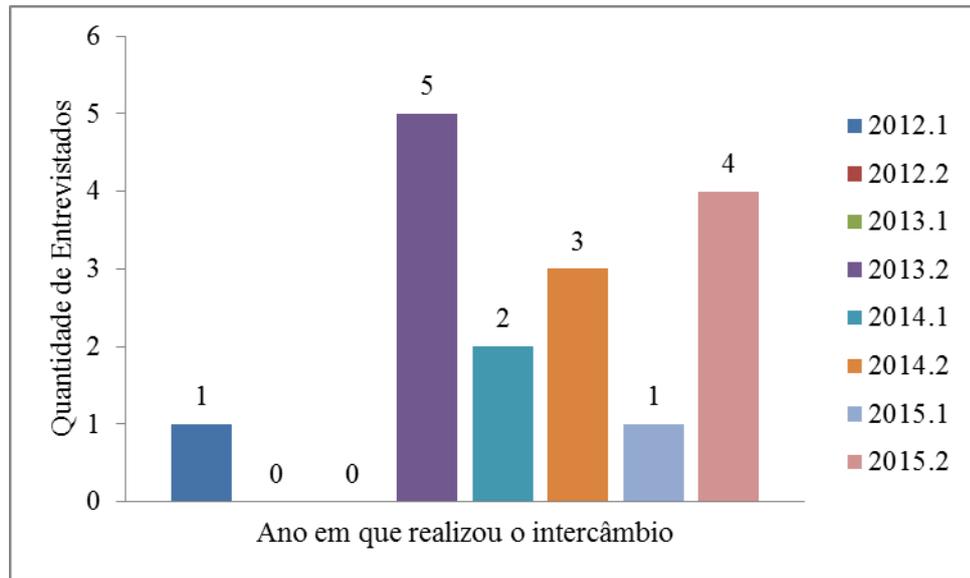
Gráfico 7 - O intercâmbio foi realizado por meio da UFSC



Fonte: Elaborado pela autora.

Pode-se verificar que todos os respondentes estão dentro da amostra definida, portanto todas as entrevistas realizadas foram utilizadas para elaboração dos dados e análise dos mesmos. Assim todos os estudantes realizaram intercâmbio mas continuaram com o vínculo estudantil com a Universidade Federal de Santa Catarina.

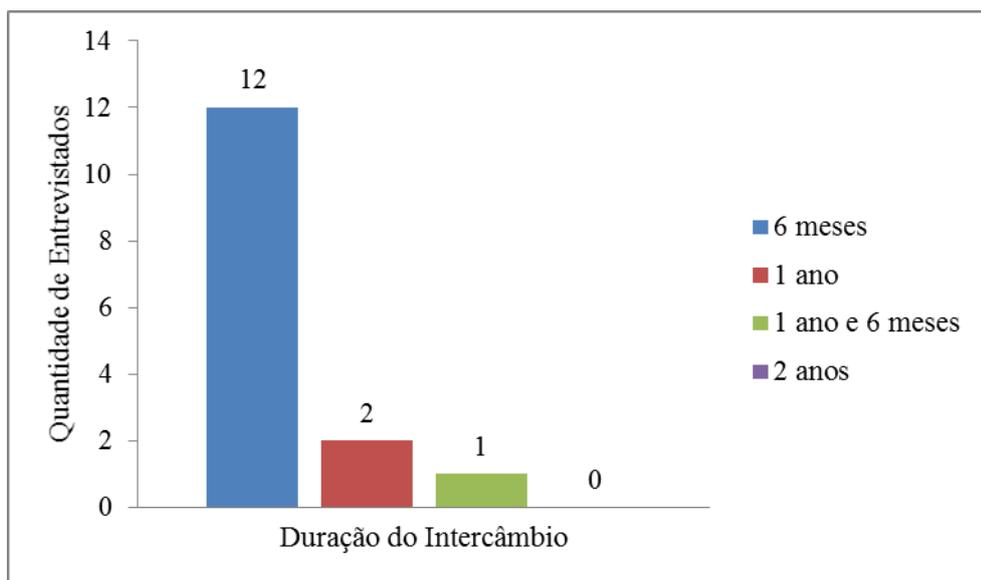
Gráfico 8 - Ano em que realizou o intercâmbio



Fonte: Elaborado pela autora.

Observando o gráfico verifica-se que o ano de maior concentração de realização de intercâmbio entre os entrevistados é o de 2013, segundo semestre, seguido pelo ano de 2015 segundo semestre. Depois o ano de 2014 segundo semestre, após o primeiro semestre, e empatados em números 2012 e 2014 primeiro semestre. Pode verificar que os estudantes entrevistado(a)s têm preferência em realização do programa no segundo semestre do ano.

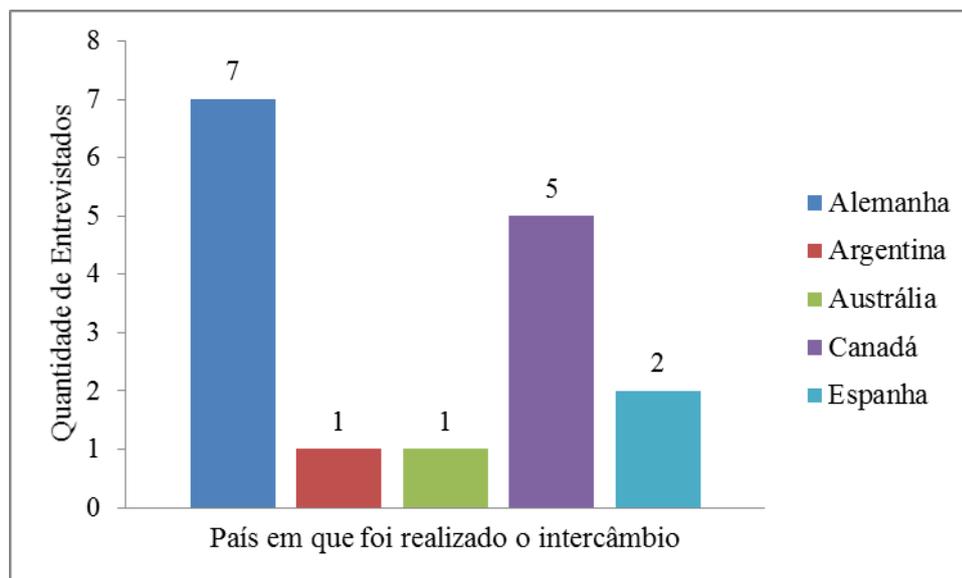
Gráfico 9 - Duração do intercâmbio



Fonte: Elaborado pela autora.

A maioria dos entrevistados, doze, realizou programa de intercâmbio com duração de 6 meses, 2 entrevistados realizaram intercâmbio com duração de 1 ano, e 1 com duração de 1 ano e 6 meses.

Gráfico 10 - País em que foi realizado o intercâmbio



Fonte: Elaborado pela autora.

Dos entrevistados, 7 realizaram intercâmbio para Alemanha, 5 deles para o Canadá, 2 para a Espanha, 1 para a Austrália e 1 para Argentina, o que compactua com os pesquisadores da área. De acordo com a *Organization for Economic Cooperation and Development* (2016), a Alemanha detém 6% dos estudantes de intercâmbio, o Canadá como receptor de intercambista representa 3% do total de estudantes, a Espanha representa 1% da estatística de quem realiza o programa, já a Argentina enquadra-se nos 31% que representam todos os outros países.

O *Atlas of Student Mobility* do *International Institute of Education* (2015), afirma que a Alemanha no ano de 2014 recebia 7% dos estudantes de intercâmbio; já o Canadá representava 6% nas estatísticas. Quanto ao restante dos países se enquadram nos 31% dos intercambistas.

Na sequência serão apresentados os quadro elaborados a partir das entrevistas realizada com os indivíduos selecionados do publico alvo desse trabalho. Neles serão explicitados os motivos para escolha do país, motivações para buscar um programa de intercâmbio, expectativas em relação ao intercâmbio, quais expectativas foram realizadas, o que ocorreu além das expectativas, as contribuições profissionais e pessoais do intercâmbio.

Quadro 3 - Motivos para escolha do país para realizar o intercâmbio

	<b>Respostas</b>
<b>a)</b>	Língua inglesa, dificuldade de ir para lá em outro momento ou oportunidade, possibilidade de trabalhar (...), beleza e cultura do país
<b>b)</b>	Bolsa de estudos.
<b>c)</b>	Baixo custo de vida e não necessidade de TOEFEL/IELTS.
<b>d)</b>	Queria um país europeu que não falasse inglês.
<b>e)</b>	Língua espanhola, (...) Cultura do país.
<b>f)</b>	Argentina: Língua [espanhola] que eu ia aprender e a possibilidade de por trabalhar para pagar minhas despesas. Canada: Inglês.
<b>g)</b>	Eu já tinha feito intercâmbio antes, cultural, eu sempre quis fazer intercâmbio independente se fosse algo social ou se fosse da universidade, então eu sempre tive vontade de conhecer outras culturas, outros países, aproveitando que eu estava na universidade, para aprimorar também o meu conhecimento eu mais ainda eu decidi ir para a Alemanha.
<b>h)</b>	(...) bolsa de intercâmbio e pela língua [inglês].
<b>i)</b>	Eu já tinha feito intercâmbio antes, cultural, eu sempre quis fazer intercâmbio independente se fosse algo social ou se fosse da universidade, então eu sempre tive vontade de conhecer outras culturas, outros países, aproveitando que eu estava na universidade, para aprimorar também o meu conhecimento eu mais ainda eu decidi ir para a Alemanha.
<b>j)</b>	Eu escolhi ir para lá porque já tinha uma amiga minha que estava estudando nessa universidade, e ela disse que eles recebiam super bem que davam (...) apoio e achei diferente porque eu nunca tinha pensando em ir para a Alemanha, e aí comecei a considerar e escolhi ir para lá.
<b>k)</b>	(...) língua inglesa que (...) queria aperfeiçoar (...), oportunidade da bolsa (...), era um país que eu já tinha curiosidade de conhecer pela cultura, pessoas (...).
<b>l)</b>	(...) oportunidade de bolsa.
<b>m)</b>	Eu não escolhi o país, eu escolhi a Universidade, que conseqüentemente era na Alemanha. Escolhi por indicação de outros colegas que eram da ação júnior e já foram para lá e pela concepção da Universidade e eu acabei querendo ir para lá também para aprender um pouco mais.
<b>n)</b>	Porque já era da minha cultura familiar (...) achava interessante (...) é um país muito desenvolvido.
<b>o)</b>	(...) manter o estudo acadêmico e a língua [alemão] com intuito de aprendizado.

Fonte: Elaborado pela autora.

Os entrevistados “a, e, f, g, h, k, o”, citaram que a língua foi um dos motivadores para a escolha do país onde realizariam o intercâmbio, mesmo que as línguas fossem diferentes tinham a intenção de aprender ou aprimora-la. Pode-se destacar o caso do entrevistado(a) f que realizou dois programas de intercâmbio e nos dois foi motivado pela língua que iria aprender ou aprimorar. Já os entrevistados “c, d” foram motivados também pela língua mas o primeiro foi motivado a escolher um país que não precisasse de *Test of English as a Foreign Language* (TOEFL), ou *International English Language Testing System* (IELTS), o que pode ser presumido que procurasse um país que não falasse a língua inglês pois a maioria dos

países que fala inglês exige esse teste de estrangeiros para que estudem em suas universidades, no mesmo sentido tem-se o(a) entrevistado(a) “d” que também procurava um país que não falasse inglês.

Assim sendo a língua um motivador para escolha ou não do país Stallivieri (2009), cita que a língua vigente no país é um dos motivadores para escolha do país, o Ministério do Turismo (2010) também colabora com a autora, e diz que os fatores linguísticos influenciam na escolha do país.

Os entrevistados “a, e, i, k, n” também citaram o fator cultural como motivador para a escolha do país para realização do intercâmbio, o que é confirmado com a fala de Richards e Wilson (2003) que citam explorar/conhecer novas culturas como um motivo que leva a escolha do país. E ainda pode-se citar no caso do(a) entrevistado(a) “n”, acerca da semelhança com o país de origem, reafirmado por Stallivieri (2009), que cita a cultura familiar e similarmente como motivador e com a fala do Ministério do Turismo (2010) que cita fatores históricos.

Assim como o fator cultura, conhecer pessoas novas foi citado pelo(a) entrevistado(a) “k” que é comprovado com Richards e Wilson (2003) citando conhecer pessoas novas.

A bolsa de estudos é indicada pelos entrevistados “b, n, l e k” como motivador para seleção do país para realização do intercâmbio, o que é legitimado pelas palavras de Stallivieri (2009) que cita a oportunidade e a facilidade como motivador e também confirmada com a fala do Ministério do Turismo (2010) que cita como motivação a oportunidade. Pode ser citado como oportunidade também a fala do(a) entrevistado(a) “a” como a dificuldade de ir para lá em outro momento ou oportunidade.

Relacionado a isso se tem a oportunidade de trabalho fora do país citado pelos entrevistado(a)s “a, f”, reafirmado pela fala do Ministério do Turismo (2010) de trabalhar fora como motivações.

A aprendizagem também foi colocada em destaque pelos entrevistados “f, i, m” que é atestado pela menção do Ministério do Turismo (2010) sobre estudar fora, de Richards e Wilson (2003) sobre aumentar seus conhecimentos. Pode ainda ser relacionado ainda com a citação do(a) entrevistado(a) “o” acerca de manter o estudo acadêmico.

É exposto pelo entrevistado(a) “c” acerca do baixo custo de vida que pode ser evidenciado com a declaração do Ministério do Turismo (2010) sobre fatores econômicos.

É citado ainda pelo entrevistado(a) “i” dois outros fatores, vontade de conhecer outros países, confirmado pelo Ministério do Turismo (2010) acerca de explorar outros países, e

também com a fala de Richards e Wilson (2003) que cita conhecer lugares novos como uma motivação. Da mesma forma o indivíduo “i” afirma que já havia realizado intercâmbio cultural e que gostaria de realizar outro intercâmbio, pode ser enquadrado como motivações pessoais, citado pelo Ministério do Turismo (2010) , motivações pessoais também são citadas pelo(a) entrevistado(a) “g” que fala já conhecer o país e se sentir confortável em ir para o país realizar intercâmbio.

Pode-se destacar a fala do indivíduo “j” que afirmou ter influência de uma amiga que já estava realizando intercâmbio nessa universidade, e que a universidade era receptiva com estudantes estrangeiros, que pode ser confirmado com a fala de Stallivieri (2009) sobre a influência de amigos e/ou familiares para realização de intercâmbio, e sobre a recepção da universidade pode ser relacionado o contato social e experiência individual citado por Richards e Wilson (2003).

Na fala do(a) entrevistado(a) “m” temos a escolha da universidade antes da escolha do país pela concepção da universidade que pode ser tido como a qualidade da instituição afirmado por Stallivieri (2009) e Ministério do Turismo (2010) .

Sobre o indivíduo “n” pode-se destacar ainda o interesse e o desenvolvimento do país, que pode ser classificado como localização da instituição citado por Stallivieri (2009), pelos fatores econômicos afirmados pelo Ministério do Turismo (2010), e também com novas vivências e experiência individual citados por Richards e Wilson (2003).

Quadro 4 - Motivações para buscar um programa de intercâmbio

	<b>Respostas</b>
<b>a)</b>	Inglês, experiência de vida, melhorar o currículo, conhecer lugares novos e estudar.
<b>b)</b>	Curiosidade em conhecer uma outra cultura e ter um diferencial profissional.
<b>c)</b>	Experiência de vida fora do país, aprimoramento da língua, conhecer novas culturas [alemã].
<b>d)</b>	Experiência pessoal e profissional e aprendizagem de um novo idioma [espanhol].
<b>e)</b>	Experiência no exterior, novas culturas, língua nova [espanhol].
<b>f)</b>	Aprender uma nova língua [espanhol e inglês], ter a experiência para o mercado de trabalho, aprender sobre novas culturas, aprender a superar desafios e coisas inesperadas, conhecer mais gente de fora.
<b>g)</b>	Aprendizado (...) sempre quis fazer um intercâmbio e (...) sabia que após a formatura, iria me inserir no mercado de trabalho e viajar por meses para outro país seria cada vez mais difícil.
<b>h)</b>	Aprender inglês, ter uma experiência internacional, sair um pouco do comodismo de morar com a família, ter mais chances no mercado com um experiência internacional no currículo.
<b>i)</b>	Sempre tive interesse, sempre quis conhecer novas culturas e tudo mais, desde o primeiro dia que eu entrei na universidade já queria fazer intercâmbio, da AIESEC, ou em parcerias de UFSC.
<b>j)</b>	(...) crescimento pessoal, se virar em outro lugar e também o profissional.
<b>k)</b>	Aperfeiçoamento profissional pela experiência que teria, aperfeiçoamento da língua [inglês] e também pelo motivo pessoal, (...) queria a questão de sair da minha caixinha (...) e abrir os horizontes.
<b>l)</b>	Crescimento pessoal, adquirir conhecimentos novos.
<b>m)</b>	(...) primeiro aprimorar o inglês e entender um pouco mais a administração global [de outro ponto de vista] (...).
<b>n)</b>	Eu queria aprimorar a língua [inglesa], aprender uma nova língua que é o alemão, queria conhecer outro país e ter essa experiência de morar fora e por causa da universidade que ia ser uma grande experiência.
<b>o)</b>	Primeiro era uma experiência pessoal em outra cultura (...), segundo agregar algo para o meu currículo (...) que fosse algo positivo que me abrisse portas, oportunidades.

Fonte: Elaborado pela autora.

Algumas motivações para escolha do país são também ocasionadoras para realização do programa de intercâmbio, porém em outro sentido, o de aperfeiçoar ou apreender uma nova língua. Desse modo a língua é um desses fatores que foram citados como motivadores para realização do intercâmbio pelos indivíduos “a, c, d, e, f, h, k, m, n”. É relevante ressaltar que o(a) entrevistado(a) “n” tinha interesse em aprimorar o inglês e ainda aprender uma língua nova, o alemão, já que seu intercâmbio foi realizado na Alemanha. Assim esse fator foi ressaltado por Stallivieri (2009), declara que a língua vigente no país é um dos motivadores para a realização do programa de intercâmbio, o Ministério do Turismo (2010) também expõe que fatores linguísticos, tanto para realização de curso de língua ou aperfeiçoamento.

Outro fator mencionado pelos(as) entrevistado(a)s é conhecer e vivenciar novas culturas, foi apontado pelos indivíduos “b, c, e, f, i, o”, o que é destacado por Richards e Wilson (2003) que citam explorar/conhecer novas culturas como um motivo que leva a realização do programa de intercâmbio.

Similarmente a isso foi destacado pelos(as) entrevistado(a)s “a, d, h, j, k, l, n, o” a experiência pessoal como motivador para realizar intercâmbio, seja para crescimento, ter a experiência de morar fora, ou somente para ter uma experiência pessoal diferenciada, o que é reafirmado pelo Ministério do Turismo (2010), como motivação pessoal para praticar o intercâmbio, bem como por Richards e Wilson (2003) acerca de ter novas vivências e experiência individual.

Ainda acerca de experiência estão o diferencial na experiência profissional quando se realiza um programa de intercâmbio, foi citada pelos(as) entrevistado(as) “a, b, d, f, j, k, o” que é reafirmado pelo Ministério do Turismo (2010) sobre desenvolvimento profissional ser um dos motivadores da realização do programa de intercâmbio.

A experiência no exterior foi citado pelos indivíduos “c, e, n” que pode ser relacionado com o desenvolvimento profissional e pessoal também.

Conhecer novos lugares foi citado pelo(a) entrevistado(a) “a” que é reafirmado por Richards e Wilson (2003) sobre conhecer lugares novos ser motivador da realização do intercâmbio, e ainda sobre conhecer lugares novos, é ressaltado pelos(as) entrevistado(a)s “g, n” no sentido de viajar para outro país que também é confirmado pelo Ministério do Turismo (2010) sobre explorar outros países.

Da mesma maneira o(a) entrevistado(a) “f” ressalta sobre conhecer novas pessoas que é confirmado com a fala de Richards e Wilson (2003).

O conhecimento é citado pelos indivíduos “g, l, m” como motivador da realização do programa de intercâmbio que reafirmado por Richards e Wilson (2003) que diz que aumentar seus conhecimentos é uma das motivações para procurar/realizar um programa de intercâmbio. O indivíduo “n” refere-se especificamente a experiência na universidade como motivador, ou seja, de aprendizado diferenciado.

Os entrevistados “g, i” citam que sempre tiveram interesse em realizar um programa de intercâmbio. O indivíduo “k” indica que queria sair fora da “caixinha e abrir seus horizontes. E o entrevistado (a) “n” aponta que queria ter a experiência de morar fora.

Quadro 5 - Expectativas em relação ao intercâmbio

	<b>Respostas</b>
a)	Aprender inglês, juntar dinheiro, trabalhar, melhorar meu currículo e conhecer lugares diferentes.
b)	Minha expectativa era a de que eu estaria conhecendo uma nova cultura, poderia praticar o idioma inglês e quem sabe achar um emprego na área administrativa.
c)	Conhecer muitas pessoas, aprender um novo idioma [alemão], estudar em uma universidade incrível com ótimos professores.
d)	Criar maior independência, realização e crescimento pessoal e aprender um novo idioma [espanhol] e cultura [espanhola].
e)	(...) viagem, conhecimento e intercâmbio cultural
f)	Aprender (...) inglês/espanhol, viajar (...), conhecer muita gente que se tornassem (...) amigos.
g)	Aprendizado, evoluir. Eu nunca havia morado longe da família e também sentia que o curso de Administração da UFSC estava um pouco atrasada em relação à muitas disciplinas. Queria saber o que estavam ensinando lá fora.
h)	Que eu iria voltar falando fluentemente [inglês], iria ter as melhores experiências da vida, faria muitos amigos.
i)	Minhas expectativas eram aprimorar meu inglês, fazer amizade com estrangeiros, aprender bastante sobre empreendedorismo, tecnologia, inovação que é algo que a gente não tem forte no nosso currículo, na nossa grade, tem uma matéria mais ela é fraca e algo que eu gosto dentro da administração, então eu fui para lá pensando em adquirir bastante conhecimento nessa área.
j)	Aperfeiçoar o meu inglês porque as aulas que eu fazia lá eram em inglês; aprender alemão e conhecer vários lugares novos.
k)	Expectativa de melhorar o meu inglês; verificar como que é o aprendizado lá nas aulas já que eu fui fazer administração então como que era a qualidade o que era diferente lá com o Brasil; expectativa de conhecer pessoas com culturas diferentes, modo de pensar, ver o mundo diferente.
l)	Experimentar novas vivências, entrar em contato com novas culturas e aprender administração sobre um ponto de vista de outra cultura.
m)	(...) em relação a administração, por exemplo: (...) primeiro que no próprio curso de administração na Europa funciona assim eles passam 2 anos tendo administração geral e depois eles já tem o específico, então eles já se formam com especialidade, empreendedorismo, marketing e etc. Eu era a única da sala que só fazia administração geral, e todos ficaram assim como assim geral? E queria entender como funcionava tanto para os estudantes que seriam meus colegas de trabalho no exterior, como que funciona essa administração e também como que é a concepção lá, por exemplo: aqui nos citamos muito o McDonalds, e lá eles citam muito Starbucks, Johnsons e Johnsons, eles focam muito em outros tipos de empresa e eu queria entender um pouco mais como funciona o mercado lá, entender como que está mais desenvolvido, como eles tem uma concepção mais sólida e aqui estamos iniciando os trabalhos.
n)	Que eu aprendesse alemão, experiência nova na universidade, aprimorar o inglês.
o)	Primeiro eu tinha basicamente 3 expectativas, uma era aprender a língua, o alemão, outra era desenvolver academicamente e a terceira era o crescimento pessoal.

Fonte: Elaborado pela autora.

Os(as) entrevistado(as) “a, b, c, d, f, h, i, j, k, n, o” ressaltaram ter expectativa de aprender ou aprimorar uma língua estrangeira, é pertinente ressaltar que o(a) entrevistado(a) “f”

realizou dois programas de intercâmbio, e que em cada um deles tinha expectativa de aprender a falar a língua vigente no país. Os(as) entrevistado(a)s “j,n” afirmaram que tinha expectativa de aprimorar o inglês já que as aulas eram ministrada em inglês e aprender a falar alemão que era a língua falada no país. Assim tudo isso é confirmado com a fala de Dalmolin et al. (2013) acerca das expectativas de aprimorar um idioma.

Os indivíduos “e, c, g, l, m, n, k, o” citaram que esperavam ter um aprendizado diferenciado, aprender sobre administração de um ponto de vista diferente, ou seja, aumentar seus conhecimentos, desenvolver-se academicamente, adquirir novos conhecimentos. O que pode ser atestado pela fala de Richards e Wilson (2003), indica que os estudantes possuíam a expectativa de aumentar conhecimentos, Dalmolin et al. (2013) reafirma a fala do autor dizendo que aprender é citada ao falar de expectativas e contribuições. Destacando o caso do(a) entrevistado(a) “m” que cita que gostaria de entender como as empresas e o mercado funcionam no exterior e também verificar como os estudantes estrangeiros pensam e como se diferenciam dos brasileiros nesse aspecto. Nesse sentido de aprendizado o indivíduo “i” possuía a expectativa de aprender sobre empreendedorismo, tecnologia e inovação que considera que é um ponto que quase não é ensinado no curso de administração da Universidade Federal de Santa Catarina, o interesse em saber como era diferente o aprendizado em uma instituição internacional é citado também pelo(a) entrevistado(a) “k”.

Os pesquisados “b, d, k, l” tinham a expectativa de entrar em contato com outras culturas, conhecer novas culturas o que é citado por Richards e Wilson (2003) podem ser considerados expectativas são: explorar/conhecer novas culturas, o Ministério do Turismo (2010) menciona da mesma maneira conhecer lugares; novas culturas como expectativas. Dalmolin et al. (2013) diz que o intercâmbio gera uma oportunidade de compreender outras culturas, nesse sentido o(a) entrevistado(a) “e” cita que tinham a expectativa de ter um intercâmbio cultural.

O crescimento pessoal é ressaltado pelos autores Dalmolin et al. (2013) tanto crescimento profissional quanto pessoal é citado por Oliveira e Pagliuca (2012) o “desenvolvimento psicológico, autoconfiança, amadurecimento, independência, capacidade de relacionar-se (...)” que podem ser considerados como parte integrante do crescimento pessoal. Sobre o crescimento profissional é citado por Dalmolin et al. (2013), e foi ressaltado pelo(a) entrevistado(a) “a”

Richards e Wilson (2003) citam conhecer pessoas novas e lugares novos como expectativa assim como o Ministério do Turismo (2010). É ressaltado pelos(as) entrevistados(as) “a, e, f”

como expectativa conhecer novos lugares e viajar, e acerca de conhecer pessoas é destacado pelos indivíduos “a, f, h, i”.

Além desses fatores os indivíduos “a, b” possuíam a expectativa de conseguir um emprego, especificamente no caso do(a) entrevistado(a) “b” gostaria que fosse na área administrativa e o indivíduo “a” ainda queria juntar dinheiro.

O indivíduo “d” relata que possuía a expectativa de se realizar, porém não especifica em que sentido por isso pode ser relacionado como experiência individual comentada por Richards e Wilson (2003) ou até um desenvolvimento/crescimento pessoal ou profissional citado pelo Ministério do Turismo (2010).

Pode-se observar que em muitos fatores citados como expectativas muitos deles se relacionam intimamente com as motivações para buscar/realizar um programa de intercâmbio que é o que deveria realmente acontecer pois o que motiva uma pessoa a buscar o intercâmbio já é uma expectativa que poderá ou não se realizar no decorrer de seu período fora do país.

Quadro 6 – Expectativas que foram realizadas

	<b>Respostas</b>
<b>a)</b>	Conheci lugares diferentes e trabalhei.
<b>b)</b>	Tirando questão do emprego, todas as outras expectativas foram superadas. Tive contato com pessoas de mais de 15 países diferentes, imerso na cultura e praticando inglês diariamente.
<b>c)</b>	Basicamente nenhuma, me deparei com um povo extremamente fechado, tive muita dificuldade para me inserir na cultura alemã, e por conta disso acabou que meus amigos eram em sua maioria brasileiros.
<b>d)</b>	Todas se realizaram e foram mais intensas do que esperava.
<b>e)</b>	Todas elas.
<b>f)</b>	Apreendi a língua, mas ainda sim achei que não foi suficiente (nos dois intercâmbios) Conheci bastante gente, mas pouquíssimas são as pessoas que falo até hoje. A grande parte dessas pessoas que conheci também eram intercambistas. Quase não me relacionei de meu país.
<b>g)</b>	Todas se concretizaram e foram além. (...) Fiz duas faculdades públicas, 6 estágios, projeto de extensão, Empresa Júnior... Nada se comparou ao intercâmbio.
<b>h)</b>	Todas se concretizaram, menos (...) em relação a voltar fluente, pois descobri que para o meu nível de inglês eu precisaria ficar mais tempo por lá.
<b>i)</b>	Aprimorar o inglês, amizade com estrangeiros, não foi tão forte quanto a matéria em si de empreendedorismo e inovação.
<b>j)</b>	Inglês e conhecer lugares novos.
<b>k)</b>	Dessas que eu falei, todas. A questão de conhecer pessoas se superou pois não fiquei focada só nas pessoas nativas do Canadá.
<b>l)</b>	Eu tive muitas experiências de vida; aprendi muito sobre administração tanto sobre enfoque dado pela universidade alemã que diferente do enfoque dado aqui. Todas as minhas expectativas foram alcançadas.
<b>m)</b>	Todas.
<b>n)</b>	Tive uma experiência nova na universidade, aprendi bastante, aprimorei o inglês.
<b>o)</b>	Desenvolvi bastante a língua alemã, não cheguei a fluência mas estou próximo disso, então com isso eu sai satisfeita; em questão acadêmica não era algo que eu esperava além do que já vi no Brasil, algo que não existisse, não me surpreendeu, não havia algo acadêmico que fosse inovador que eu fosse aplicar diretamente aqui no Brasil; o crescimento pessoal.

Fonte: Elaborado pela autora.

O indivíduo “a” anteriormente havia citado que tinha expectativa de “aprender inglês, juntar dinheiro, trabalhar, melhorar meu currículo e conhecer lugares diferentes.” Porém ao relatar quais delas foram efetivamente realizadas diz que somente conseguiu conhecer lugares novos e trabalhar.

Quanto ao(à) entrevistado(a) “b” disse que possuía a expectativa de conhecer novas culturas, praticar inglês e talvez encontrar um emprego na área administrativa, e ao explicitar quais foram efetivadas cita que somente não conseguiu encontrar um emprego.

Já o(a) entrevistado(a) “c” ressalta que esperava “conhecer muitas pessoas, aprender um novo idioma [alemão], estudar em uma universidade incrível com ótimos professores” e em

seu caso se decepcionou ao encontrar um povo fechado, teve dificuldade para se introduzir na cultura alemã, e a maioria dos amigos que fez eram brasileiros.

O indivíduo “d” queria “criar maior independência, realização e crescimento pessoal e aprender um novo idioma [espanhol] e cultura [espanhola]” e cita ter todas as suas expectativas realizadas.

Assim como o entrevistado anterior o “e” diz que ter todas as expectativas realizadas que eram “(...) viagem, conhecimento e intercâmbio cultural”.

O(a) entrevistado(a) “f” anteriormente ao intercâmbio esperava aprender inglês e espanhol, pois realizou dois programas de intercâmbio, viajar e conhecer muitas pessoas e que essas se tornassem amigos. Quanto ao idioma, diz que aprendeu a falar as línguas mas acredita que não é suficientemente fluente, conheceu várias pessoas, porém essas não se tornaram amigas para a vida, relacionou-se com outros intercambistas, poucos brasileiros, e as viagens não conseguiu realizar.

O(a) entrevistado(a) “g” gostaria de ter “aprendizado, evoluir. Eu nunca havia morado longe da família e também sentia que o curso de Administração da UFSC estava um pouco atrasada em relação a muitas disciplinas. Queria saber o que estavam ensinando lá fora.”, ao relatar o que se concretizou diz que tudo aconteceu e que foi mais intenso do que esperava.

O indivíduo “h” queria falar fluentemente inglês, melhorar a experiência de vida e fazer muitos amigos. Todas foram atingidas menos a fluência, pois diz que para que isso acontecesse teria que passar mais tempo no país.

Já o(a) entrevistado(a) “i” declara “minhas expectativas eram aprimorar meu inglês, fazer amizade com estrangeiros, aprender bastante sobre empreendedorismo, tecnologia, (...)” ao dizer quais foram efetivadas diz que aprimorou o inglês, conheceu várias pessoas, mas não aprendeu nada novo em relação a empreendedorismo e inovação.

O indivíduo “j” esperava aperfeiçoar o inglês, aprender alemão e conhecer lugares novos, o que foi efetivamente realizado foi o aperfeiçoamento do inglês e conheceu novos lugares, entretanto a expectativa de aprender alemão não foi concretizado.

Acerca do(a) entrevistado(a) “k” queria melhorar o inglês, verificar como o aprendizado era diferente do Brasil, conhecer pessoas de cultura diferente, pensar de forma diferente e ver o mundo diferente, afirma que conseguiu realizar todas as expectativas, e a questão de conhecer pessoas conseguiu superar pois diz que não ficou focada somente em pessoas naturais do Canadá.

O indivíduo “l” esperava novas vivências, entrar em contato com novas culturas e aprender sobre administração sobre o ponto de vista de outra cultura, todas essas foram alcançadas.

Já o(a) entrevistado(a) “m” gostaria de verificar como os estudantes estavam qualificados em outros países, como era a concepção de administração no exterior, como funciona o mercado na Europa, se estava mais desenvolvido, se eles têm uma concepção mais sólida, e cita que tem realizado todas essas expectativas.

O indivíduo “n” ressalta que esperava aprender alemão, ter uma experiência nova na universidade e aprimorar o inglês, dessas três expectativas não conseguiu somente aprender alemão.

O(a) entrevistado(a) “o” diz que “(...) tinha basicamente 3 expectativas, uma era aprender a língua, o alemão, outra era desenvolver academicamente e a terceira era o crescimento pessoal.” Sobre esses três fatores conseguiu desenvolver bastante o alemão, mas não chegou a fluência, não encontrou nada de inovador academicamente em relação ao Brasil, e sobre o crescimento pessoal também desenvolveu bastante.

Quadro 7 - O que ocorreu além das expectativas

	<b>Respostas</b>
<b>a)</b>	Nada.
<b>b)</b>	Nada.
<b>c)</b>	As aulas tive alguns professores muito bons, mas outros péssimos o que eu achava que não aconteceria.
<b>d)</b>	Nada.
<b>e)</b>	Nada (...),
<b>f)</b>	Nada.
<b>g)</b>	Nada.
<b>h)</b>	O que ocorreu além das minha expectativas foi com os amigos que eu fiz, que tenho contato até hoje e moram no Canadá. Além disso, o intercâmbio mudou minha forma de me comunicar e aumentou minha autoconfiança.
<b>i)</b>	Principalmente em relação à cultura, aprender a lidar com pessoas diferentes que pensam diferente e que a comunicação é complicada, e lidar com situações adversas.
<b>j)</b>	Amizades estrangeiras, eu não tinha expectativa em fazer muitos amigos, mesmo porque eu já fui com duas amigas e conhecer nacionalidades bem estranhas que eu nunca tinha pensado em conhecer.
<b>k)</b>	As viagens (...).
<b>l)</b>	Vivências e situações pelas quais passei e me fizeram crescer pessoalmente, as quais eu não tinha pensado que ocorreriam. Entrar em contato com pessoas de diversas idades, em diversas ocasiões ter que viajar e passar tempo com pessoas desconhecidas, enfim a maioria das experiências tem há ver com entrar em contato com culturas novas, e pessoas.
<b>m)</b>	Principalmente o que eu não contava era o desenvolvimento pessoal, porque morar no exterior, com outra língua, eu não sabia falar alemão, só o inglês, se virar, (...) o desenvolvimento e a maturidade emocional (...) e a independência.
<b>n)</b>	Conseguir a viver a cultura do país, conheci mais gente do que eu esperava, fiz mais amizades do que eu esperava.
<b>o)</b>	Justamente essa parte de crescimento pessoal eu não estava esperando que fosse me desenvolver tanto em adaptação, eu consegui me adaptar a outras culturas não só a alemã mas também lá o contato com culturas de outros países, com outros intercambistas.

Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação às expectativas algumas foram realizadas e outras não foram, porém, algumas situações ocorreram que não eram esperadas.

Para os(as) entrevistados(as) “a, b, d, e, f, g” nada de diferente das expectativas que possuíam aconteceu.

Já os(as) entrevistados(as) “i, l, n, o” relataram que a parte cultural foi além de suas expectativas que foi declarado por Richards e Wilson (2003), Ministério do Turismo (2010) e Dalmolin et al. (2013).

Os(as) entrevistados(as) “i, l, o” falaram que aprenderam a lidar com pessoas de cultura diferente e que a comunicação se dá de outra forma por causa da cultura. Ainda sobre isso o(a) entrevistado(a) “h” diz que fez amigos de outras nacionalidades, e o indivíduo “n”

comenta que conheceu pessoas diferentes, conviveu com culturas diferentes. O que é ressaltado pelos autores Richards e Wilson (2003) acerca de conhecer pessoas novas, ter maior contato social, por Oliveira e Pagliuca (2012) que comentam a capacidade de relacionar-se e por Dalmolin et al. (2013) sobre ter que compreender outras culturas que pode ser considerado sobre aprender a se comunicar, conviver e lidar com pessoas de culturas diferentes.

O desenvolvimento e crescimento pessoal foi ressaltado pelos indivíduos “l, m, o” que é confirmado pelos autores Ministério do Turismo (2010) e por Dalmolin et al. (2013).

Acerca de situações adversas foi citada pelos(as) entrevistados(as) “i, l”, Richards e Wilson (2003) que afirmam que ter novas vivências podem ser consideradas como situações adversas.

O indivíduo “c” afirma que teve professores ruins e que não esperava isso. E o pesquisado “k” cita que não esperada realizar viagens que é reafirmado por Richards e Wilson (2003) e pelo Ministério do Turismo (2010).

Quadro 8 - Contribuições profissionais do intercâmbio

	<b>Respostas</b>
<b>a)</b>	Inglês e pro-atividade (...).
<b>b)</b>	Atualmente fui aceito em uma vaga em uma empresa multinacional, acredito que a experiência no exterior foi um ponto importante na minha admissão.
<b>c)</b>	Aprender a lidar com o novo e com as frustrações.
<b>d)</b>	Toda experiência de intercâmbio é percebida positivamente por empregadores. O espanhol também tornou-se um diferencial no currículo. (...) o intercâmbio abre a mente para novas ideias e novos pensamentos, desenvolvimento o pensamento crítico e analítico.
<b>e)</b>	Perfil diferenciado da maioria do mercado (...).
<b>f)</b>	O espanhol não se mostrou um diferencial, mas me ajudou em alguns momentos. O inglês, para o ramo de empresa que gosto de trabalhar (startups) é de extrema importância, pois lemos muito artigos e posts em inglês e conversamos (benchmarking e entrevistas) com pessoas do mundo todo em inglês.
<b>g)</b>	Maturidade profissional. No Brasil não temos a cultura do estudo. Não temos o hábito de ir além daquilo que é visto em sala de aula. Costumava dedicar uma tarde de estudo para provas e ia bem. No Canadá, a própria BU da Universidade era aberta 24h. As pessoas realmente valorizam o estudo, e isto é algo natural. Havia a real necessidade de virarmos noite estudando para as provas e era algo gostoso. (...) socializávamos na B.U (...) Além disso, em algumas áreas os estudos norte-americanos pareciam estar anos luz a frente dos nossos. Marketing em particular. (...) Os contatos estabelecidos também foram ótimos e me são úteis até hoje.
<b>h)</b>	Após o intercâmbio tive a oportunidade de fazer algumas apresentações em público em inglês; participei de oportunidades de reuniões e contatos que só vieram pelo meu conhecimento na língua; meu leque de oportunidades com certeza aumentaram muito.
<b>i)</b>	Abre muitas portas, as pessoas, o mercado vê alguém que sai um pouco da zona de conforto e que vai atrás de algo novo do desconhecido e que não tem tanto medo. A parte de inovação, tecnologia e empreendedorismo, que na universidade que eu fui isso é muito forte e que aqui eu vejo bem falho. E o aprimoramento do inglês.
<b>j)</b>	Eu reclamava bastante do ensino aqui da UFSC porque é muito teórico e eu vi que lá é muito teórico também. (...) Eu achei que por ser um país desenvolvido, vai ter educação melhor. Mas eles estão em um nível mais avançado do que a gente. Então assim meu inglês melhorou muito.
<b>k)</b>	O Inglês, aprendi muito com a organização deles, com a educação, (...) eles são muito profissionais até mesmo dentro da sala de aula a questão de organização, responsabilidade com as atividades, (...) . Todo o ensinamento que a gente tem/aprende com esses profissionais, a forma como eles observam, como eles trabalham.
<b>l)</b>	Apreendi uma língua que eu não sabia falar (alemão) (...) e a experiência sobre administração com o enfoque diferenciado (alemão).
<b>m)</b>	Inglês, contatos, visão global em relação à administração e o mercado.
<b>n)</b>	No meu estágio eu fui contratada por causa do intercâmbio. A experiência na universidade que foi diferenciada, o modo de ensino é diferenciado em relação ao Brasil, e o aprimoramento do inglês.
<b>o)</b>	Primeiro eu destaco novamente a língua foi a principal contribuição, no currículo (...) no caso o alemão acaba surpreendendo, no caso pelo menos é o que eu tenho recebido de oportunidade, o pessoal sempre pede para eu explorar essa parte do meu intercâmbio porque Alemanha, porque a língua, eles acham isso um diferencial.

Fonte: Elaborado pela autora.

Sobre contribuições profissionais é ressaltado por Otero (2008) que mais da metade dos intercambistas relatam mudanças relacionadas à carreira e aspirações.

A questão língua é citada pelos indivíduos “a, d, f, h, i, j, k, l, n, o” como contribuição profissional que é reafirmado por Otero (2008) em sua pesquisa onde foi relatado maior fluência na segunda língua e em alguns casos até na terceira língua após o programa de mobilidade acadêmica, e Riccio e Sakata (2006) ressaltam como resultado de sua pesquisa aprendizado de novo idioma.

O aumento do conhecimento foi relatado pelos(as) entrevistados(as) “g, i, j, m”. O(a) entrevistado(a) “g” resalta maior conhecimento na área de marketing, o “i” nas áreas de inovação, tecnologia e empreendedorismo, e o “m” cita maior visão global do mercado. Ainda acerca do conhecimento os entrevistados “l, n” ressaltam o método de ensino diferenciado, o “g” resalta que adquiriu uma cultura de estudo, e o(a) entrevistado(a) “k” relata a adquiriu uma postura mais profissional em sala de aula; esses fatores sobre conhecimento são reafirmados por Riccio e Sakata (2006) apresentam como contribuição aprendizado por meio de diferentes estilos de ensino e enriquecimento do aprendizado, e Otero (2008) reporta enriquecimento do aprendizado

Os indivíduos “b, d, e, h, i, n, o” mencionam o perfil diferenciado após a realização da mobilidade acadêmica e os(as) entrevistados(as) “n, o, b” apontam que foram contratados por causa da realização do programa de intercâmbio. Nesse sentido os autores Riccio e Sakata (2006) relatam em seu trabalho o esquecimento do currículo como contribuição profissional, também a habilidades para competir em um ambiente global, se necessário.

O indivíduo “c” indica que aprendeu a lidar com o novo e com as frustrações reafirmado por Oliveira; Pagliuca (2012) que cita o desenvolvimento psicológico, nessa área também foi apontado por “d” o desenvolvimento do pensamento crítico e analítico.

Foi relatado o desenvolvimento da pro-atividade por “a” e maior maturidade profissional por “g”.

Quadro 9 - Contribuições pessoais do intercâmbio

	<b>Respostas</b>
<b>a)</b>	Autoconhecimento, conhecer novas culturas e pessoas, aprender a me virar sozinha
<b>b)</b>	(...) minha visão de Mundo foi ampliada e me sinto mais sensível a questões globais.
<b>c)</b>	Nova perspectiva de vida, cabeça mais aberta, aprender a me conhecer melhor, a não julgar e principalmente a agradecer o que tenho e amar meu país.
<b>d)</b>	Realização e crescimento pessoal. Criando maior independência. Também proporcionou maior sensatez e entendimento dos relacionamentos.
<b>e)</b>	Crescimento pessoal, percepção e aceitação das diferenças culturais.
<b>f)</b>	O conhecimento (...) sobre outra cultura te enriquece muito e te faz ser mais aberto as diferenças entre as pessoas mesmo quando você esta no seu proprio país. Hoje muito da minha carreira profissional e pessoal estão sendo decididos com base em vivências que tive fora do país (por exemplo, fazer um mestrado).
<b>g)</b>	Havia me entregue àquela experiência de uma forma que já sentia que tinha que escolher entre duas vidas uma brasileira e outra canadense. Meus amigos eram canadenses, minha melhor amiga era canadense, meu namorado era canadense. Estava apaixonada (...) pela cultura, pela minha rotina, pela neve. Amava a educação das pessoas, me sentia bem me dedicando aos estudos (...) Em um intercâmbio, passamos por alguns apertos, e muitas vezes não temos como falar com ninguém, ter nenhum apoio emocional. Temos que realmente aprender a lidar sozinhos. E mesmo que de início possa dar medo, saímos destas situações muito mais fortes. (...) Até hoje converso semanalmente com meus amigos canadenses.
<b>h)</b>	Me tornei uma pessoa mais confiante; me expressei melhor; tenho mais facilidade de fazer amizades; tive algumas contribuições pessoais em relação a amizades construídas; aumentou meu leque de possibilidade em relação ao lugar onde posso morar e trabalhar; tive muitas quebras de preconceitos e construção de um sentimento mais empático sobre as pessoas.
<b>i)</b>	Lidar com diferentes pessoas, diferentes culturas, timidez [melhora].
<b>j)</b>	Cabeça aberta para experimentar coisas diferente, ou de gostar de coisas diferentes, mais independência, (...) mais confiança.
<b>k)</b>	Foi a questão de abrir a cabeça mesmo, querer aprender algo diferente (...) quer aprender mais, quer conhecer mais lugares, a questão de aceitar algo diferente, aceitar pessoas e saber que elas tem culturas diferentes mas que você consegue conviver e aprender muito com elas.
<b>l)</b>	Desenvolvimento na área de relações com outras pessoas, em relação com ser menos tímido, interagir melhor com diferentes tipos de pessoas, e de diferentes culturas.
<b>m)</b>	Maturidade em pensamento, em agir no dia-a-dia, independência, desenvolvimento, maturidade pessoal.
<b>n)</b>	Cresci pessoalmente, fiquei mais madura, mais aberta e mais comunicativa.
<b>o)</b>	Primeiro quando você está imersa em um meio que é totalmente fora da sua zona de conforto você tende a se retrair e é isso que me desenvolveu, se eu ficasse retraída eu não ia aproveitar, eu não ia me desenvolver e eu ia inibir as minhas oportunidades então o fato de eu me abrir com as pessoas independente se fale a mesma língua (...) é o principal desenvolvimento cultural que me proporcionou. Comportar-me de maneira neutra que não era necessário até então, conseguir essa passividade em questão de se posicionar e ao mesmo tempo se posicionar com nível de argumentação elevado sem que você contextue a sua cultura.

Fonte: Elaborado pela autora.

Como já citado as motivações podem se tornar contribuições pessoais, assim, o crescimento pessoal foi citado pelos(as) entrevistados(as) “d, e, m, n, o”. Nesse sentido pode ser considerado crescimento pessoal várias características como ressaltado pelo Ministério do Turismo (2010) acerca do crescimento e desenvolvimento pessoal; e por Dalmolin et al. (2013) que afirma que o intercâmbio gera uma oportunidade de compreender outras culturas, métodos políticos diferenciados, instituições sociais, aprender, aprimorar um idioma e que todos esses fatores geram crescimento tanto profissional quanto pessoal. Nesse sentido os indivíduos “a, e, f, i, o” citaram que a cultura foi uma das contribuições percebidas com o intercâmbio. Assim experimentar o diferente segue essa mesma linha acerca de experimentar métodos políticos diferentes, instituições foi ressaltado pelos entrevistados(as) “j, k”, e também torna a cabeça mais aberta citada pelos indivíduos “c, j, k, n”.

Seguindo a linha de crescimento pessoal citada pelos autores Ministério do Turismo (2010) e Dalmolin et al. (2013) pode-se mencionar o autoconhecimento apontado por “a,c”, a confiança mencionada pelos indivíduos “h, i”, melhora na timidez afirmado pelos(as) entrevistados(as) “i, l”, maior maturidade depois de realizar o programa de intercâmbio apresentado por “n, m” e independência também pode ser relacionada ao crescimento pessoal. Alguns desses fatores são citados por Oliveira e Pagliuca (2012) que faltam o desenvolvimento psicológico, autoconfiança, amadurecimento, independência, capacidade de relacionar-se como contribuição pessoal do intercâmbio que também pode ser relacionado com fazer novos amigos citado por “g, h” e com o desenvolvimento da comunicação falado por “h, n, o”, e em relação a esse último fator pode ser confirmado por Riccio e Sakata (2006) que citam relacionamentos internacionais como contribuição.

Richards e Wilson (2003) citam conhecer pessoas novas como uma das contribuições, que foi mencionado pelos indivíduos “a, f, i, l”, em alguns casos essas pessoas novas podem se tornar amigos que também foi apontado como contribuição no quadro acima. A empatia citada pelo(a) entrevistado(a) “h” pode ser adquirida e desenvolvida por meio desses relacionamentos individuais e amigos internacionais.

O(a) entrevistado(a) “b” mencionou que teve sua visão de mundo ampliada e se tornou mais sensível a questões globais. A realização que foi citada por “d” que podem ser em função das experiências fora do país entrando em contato com diversas culturas, pessoas novas, o aprendizado diferenciado, conhecer novas realidades, entre outros O(a) entrevistado(a) “c” citou que novas perspectivas que podem ser em função dos mesmos motivos expostos acima.

O indivíduo “c” ainda citou que aprendeu a não julgar e entender melhor os relacionamentos, possivelmente em função de ter convivido com pessoas de culturas diferentes e de nacionalidades diferentes.

O leque de possibilidades em relação às escolhas profissionais e pessoais se tornou maiores depois de realizar o intercâmbio e ainda tomar decisões baseadas em suas experiências fora do país como, por exemplo, fazer mestrado ou não, esta situação foi citada pelo indivíduo “f”.

O(a) entrevistado(a) “g” se sentiu completamente entregue a experiência internacional. E o indivíduo “k” sentiu-se mais incentivado, com mais vontade de aprender, conhecer lugares novos, aprendeu a aceitar o diferente, as pessoas, culturas diferentes, e a conviver com essas diferenças, em decorrência de ter vivido essas diferenças se tornou mais aberta a aceitar e abraçar essas diferenças.

## 5. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

A internacionalização das instituições é fundamental no mundo globalizado. Isso ocorre pois cada vez mais os conhecimentos precisam ser renovados, portanto a mobilidade acadêmica, o intercâmbio de estudantes tem papel fundamental nessa jornada.

Para que a internacionalização seja efetivada em uma instituição se faz necessário esteja nas estratégias da instituição de ensino, em muitos casos no PDI, porém para que essa seja concretizada é preciso que os participantes estejam envolvidos e comprometidos, ter os objetivos claramente e definidos e coerentes com as estratégias de execução, sejam traçadas atividades bem definidas obedecendo o cronograma e orçamentos predefinidos, e mensurar o desenvolvimento e as ações realizadas.

Assim essa cooperação entre duas instituições só será efetiva se ambas as partes tiverem benefícios. A internacionalização não é uma mera adaptação do currículo da instituição hospedeira, mas engloba adaptação cultural e linguística.

O intercâmbio é um modo de permuta de informações, crenças, culturas e conhecimentos, de modo que a experiência internacional proporciona vivência de hábitos e culturas diferentes de modo que possibilite novas perspectivas.

O Brasil tem enviado cada vez mais estudantes para o exterior para realizarem mobilidade acadêmica superior. A internacionalização das universidades brasileiras é uma estratégia da política governamental e auxilia no desenvolvimento científico e institucional universitário. Os discentes também possuem interesse na mobilidade e ajudam na busca de parcerias de mobilidade internacional.

A mobilidade acadêmica é uma das vertentes da internacionalização, e apesar de ser um tema ainda pouco explorado na literatura brasileira é de suma importância no mundo globalizado. A mobilidade no ensino superior pode ser realizada por meio de um intercâmbio que é o objeto de estudo deste trabalho.

Desse modo os principais agentes da internacionalização na educação superior no Brasil, são: o Ministério da Educação, o Ministério de Ciências e Tecnologia, o Ministério de Relações Exteriores e as Instituições de Ensino Superior. O Ministério da Educação é o principal ator do processo e também regulador do mesmo; o Ministério de Ciências e Tecnologia coordena e desenvolve o complexo nacional de ciência, tecnologia e inovação e o Ministério de Relações Exteriores recebe as cooperações técnicas, bilaterais e multilaterais, cooperação técnica entre países em desenvolvimento, a cooperação técnica e científica.

Esperava-se com este trabalho efetuar uma verificação e análise das contribuições do intercâmbio acadêmico na formação dos estudantes de Graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Catarina.

No capítulo 2 foi realizada a fundamentação teórica por meio de livros, artigos científicos, revistas e periódicos que tratavam de assuntos relacionados a este trabalho, como internacionalização e mobilidade acadêmica mundial e brasileira, que foram fundamentais para a sustentação da análise e interpretação de dados.

No capítulo 4 foi realizada a análise dos dados codificados obtidos por meio das entrevistas realizadas com graduandos e graduados do curso de Administração da Universidade Federal de Santa Catarina, de modo a comparar a teoria e a prática.

Desse modo, as entrevistas realizadas na pesquisa foram fundamentais para o cumprimento dos objetivos deste trabalho.

Sobre o primeiro objetivo **identificar a institucionalização da internacionalização na Universidade Federal de Santa Catarina**, foi realizada a identificação de como se dá o processo no capítulo 4. Encontra-se especificado no PDI 2015-2019 onde são definidos alguns objetivos e metas a serem alcançados com a internacionalização na Universidade Federal de Santa Catarina.

Com o intuito da efetivação do segundo objetivo **levantar as motivações dos estudantes de Administração da Universidade Federal de Santa Catarina para realização do intercâmbio**, analisou-se quais as motivações para escolha do país de realização do intercâmbio e as motivações para realização do programa de intercâmbio. Por meio dessa análise obteve-se como motivações para escolha do país a língua vigente no país, explorar/conhecer novas culturas, conhecer pessoas novas, bolsa de estudos, oportunidade, trabalhar fora do país, aprendizagem e aumento de conhecimentos, manter o estudo acadêmico, baixo custo de vida, vontade de conhecer outros países, influência de amigos, escolha da universidade antes da escolha do país.

As motivações para realização de um programa de intercâmbio muitas vezes se confundem com as da escolha do país: aperfeiçoar ou apreender uma nova língua, conhecer e vivenciar novas culturas, experiência pessoal, diferencial no currículo profissional, desenvolvimento profissional e pessoal, conhecer novos lugares, conhecer novas pessoas, aumentar seus conhecimentos interesse em realizar um programa de intercâmbio, abrir seus horizontes e ter a experiência de morar fora.

A partir do terceiro objetivo **verificar as contribuições pessoais e profissionais que o intercâmbio proporciona aos estudantes de curso de Graduação Administração da Universidade Federal de Santa Catarina** foi realizada a interpretação dos dados coletados com as entrevistas. Constatou-se que as contribuições pessoais fundamentais são: crescimento pessoal, vivência de culturas diferentes, experimentar o diferente, cabeça mais aberta, aumento da confiança, melhora da timidez, maior maturidade, independência, desenvolvimento da comunicação, conhecer pessoas novas, fazer amigos, empatia, visão de mundo ampliada, mais sensível a questões globais, novas perspectivas, aprender a não julgar, entender melhor os relacionamentos, abertura do leque de possibilidades em relação às escolhas profissionais e pessoais, incentivo a aprender mais, conhecer lugares novos e aceitação do diferente.

As contribuições profissionais basilares citadas pelos entrevistados são principalmente voltadas à mudança relacionadas à carreira e aspirações, referem-se ao desenvolvimento de uma segunda ou até terceira língua, aumento do conhecimento em diferentes áreas, maior visão global do mercado, aprendizado de um método de ensino diferenciado, conquista de cultura de estudo, postura mais profissional em sala de aula, perfil diferenciado após a realização do intercâmbio, alguns entrevistados apontam que foram contratados por causa da realização do programa de intercâmbio, aprender a lidar com o novo e com as frustrações, desenvolvimento do pensamento crítico e analítico, desenvolvimento da pro-atividade e da maturidade profissional.

### 5.1. SUGESTÕES PARA TRABALHOS FUTUROS

Para a realização de trabalhos futuros sugere-se estudo mais abrangente em relação à população do estudo, isto é, realizar a verificação desses fatores não somente no curso de Administração, mas sim, em diversos cursos e se executável realizar a comparação entre as motivações e contribuições entre os diversos cursos, ou realização de entrevistas com estudantes de Administração de diversas Universidades do Brasil.

É possível que se realize um estudo mais aprofundado sobre os intercâmbios realizados em relação à quantidade de matérias validadas, dificuldades enfrentadas no exterior, qualidade do ensino, se a instituição e o país são acolhedores, enfim, várias outras análises podem ser realizadas acerca desse tema.

## REFERÊNCIAS

ALTBACH, Philip G.; KNIGHT, Jane. The internationalization of higher education: Motivations and realities. **Journal of studies in international education**, v. 11, n. 3-4, p. 290-305, 2007. Disponível em: <[http://www.uni-kassel.de/wz1/mahe/course/module6\\_3/01\\_altbach07.pdf](http://www.uni-kassel.de/wz1/mahe/course/module6_3/01_altbach07.pdf)>. Acesso em: 1 nov. 2015.

AUGM. **Institucional**. 2015. Disponível em: <<http://grupomontevideo.org/sitio/institucional/>>. Acesso em: 22 out. 2015.

AUGM. **Universidades Miembro**. 2015. Disponível em: <<http://grupomontevideo.org/sitio/institucional/universidades-miembro/>>. Acesso em: 22 out. 2015.

BARBETTA, Pedro Alberto. **Estatística aplicada às Ciências Sociais**. 8. ed. rev. Florianópolis: UFSC, 2012.

BILLAUD, Sandrine. Mises au point sur les mobilités européennes. IN: DE FRED; Suomela Salmi, Eija (orgs.) **Mobilité académique: perspectives croisées**. Turku: Université de Turku/Département d'Études Françaises, 2007.

CASTRO, Alda Araújo; CABRAL NETO, Antônio. O ensino superior: a mobilidade estudantil como estratégia de internacionalização na América Latina. **Revista Lusófona de Educação**, n. 21, p. 69-96, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S1645-72502012000200005&script=sci\\_arttext&tlng=es](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S1645-72502012000200005&script=sci_arttext&tlng=es)>. Acesso em: 22 out. 2015.

CRUZ, Carla; RIBEIRO, Uirá. **Metodologia científica: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Axcel Books, 2003. 218p.

DALMOLIN, Indiara Sartori et al. Intercâmbio acadêmico cultural internacional: uma experiência de crescimento pessoal e científico. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 66, n. 3, p. 442, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v66n3/a21v66n3.pdf>>. Acesso em: 31 mai 2016.

DAVIDENKOFF, Emmanuel; KAHN, Sylvain **Les universités sont-elles dans la mondialisation?** Paris: Hachette Littératures, 2006.

DOS SANTOS SILVA, Cláudia Cristiane; LIMA, Manolita Correia; RIEGEL, Viviane. Os fatores de motivação na definição de estudantes estrangeiros em mobilidade acadêmica internacional no Brasil. **Revista Gestão Universitária na América Latina-GUAL**, v. 6, n. 3, p. 232-251, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5007/1983-4535.2013v6n3p232>>. Acesso em: 23 out. 2015.

DURKHEIM, Emile; GUTIÉRREZ, Félix Ortega; DELGADO, María Luisa. **Historia de la educación y de las doctrinas pedagógicas: la evolución pedagógica en Francia**. Madrid: La Piqueta, 1982. Disponível em:

<[http://132.248.192.201/programa\\_lecturas/docs/Historia\\_de\\_la\\_educacion.pdf](http://132.248.192.201/programa_lecturas/docs/Historia_de_la_educacion.pdf)>. Acesso em: 22 out. 2015.

FILIPPETTI, Aurélie. **Action extérieure de l'État rayonnement culturel et scientifique**. Paris: Assemblée Nationale, 2007. Disponível em: <<https://www.senat.fr/rap/a05-102-2/a05-102-20.html>>. Acesso em: 15 set. 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

GODOY, Arlida Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de administração de empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2015.

HOLM-NIELSEN, L. B., et al. Regional and International Challenges to higher education in latin américa. IN: DE WITT, Hans. **Internationalization of higher education in the United States of America and Europe**. [S.l.] IAP, 2009. Disponível em: <<http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.453.289&rep=rep1&type=pdf#page=69>>. Acesso em: 15 set. 2015.

KAUARK, Fabiana; MANHÃES, Fernanda Castro; MEDEIROS, Carlos Henrique. **Metodologia da pesquisa: guia prático**. Itabuna: Via Litterarum, 2010. Disponível em: <<http://www.pgcl.uenf.br/2013/download/livrode Metodologia da pesquisa 2010.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2015.

KNIGHT, Jane. An internationalization model: responding to new realities and challenges IN: DE WIT, Hans. **Higher education in Latin America: The international dimension**. World Bank Publications, 2005. Disponível em: <[https://histpol.usp.ac.fj/worldbank2009/frame/Documents/Publications\\_regional/Higher\\_Ed\\_in\\_LAC\\_Intnal\\_Dimension.pdf#page=31](https://histpol.usp.ac.fj/worldbank2009/frame/Documents/Publications_regional/Higher_Ed_in_LAC_Intnal_Dimension.pdf#page=31)>. Acesso em: 15 set. 2015.

KNIGHT, Jane. Internationalisation of higher education: a conceptual framework. IN: Knight, J.; Wit, H. **Internationalisation of Higher Education in Asia Pacific Countries**. v. 14, p. 249-259, 1997. Disponível em: <<http://site.valenciacollege.edu/inz/library/Comprehensive%20INZ/Internationalisation%20of%20Higher%20Education%20in%20Asia%20Pacific%20Countries%20-%20Chapter%201.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2015.

KNIGHT, Jane. Internationalization remodeled: Definition, approaches, and rationales. **Journal of studies in international education**, v. 8, n. 1, p. 5-31, 2004. Disponível em: <<http://jsi.sagepub.com/content/8/1/5.short>>. Acesso em: 15 set. 2015.

KRAWCZYK, Nora Rut. As políticas de internacionalização das Universidades no Brasil: o caso da regionalização no Mercosul. **Jornal de Políticas Educacionais**, v. 2, n. 4, p. 41-52 2008. Disponível em: <[http://www.jpe.ufpr.br/n4\\_5.pdf](http://www.jpe.ufpr.br/n4_5.pdf)>. Acesso em: 25 out. 2015.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1996, c1985. 231p.

LAUS, Sonia Pereira; MOROSINI, Marilia Costa. Internationalization of Higher Education in Brazil IN: DE WIT, Hans. **Higher education in Latin America: The international dimension**. Washington: World Bank Publications, 2005. Disponível em: <[https://histpol.usp.ac.fj/worldbank2009/frame/Documents/Publications\\_regional/Higher\\_Ed\\_in\\_LAC\\_Intnal\\_Dimension.pdf#page=31](https://histpol.usp.ac.fj/worldbank2009/frame/Documents/Publications_regional/Higher_Ed_in_LAC_Intnal_Dimension.pdf#page=31)>. Acesso em: 15 set. 2015.

LIMA, M. C.; MARANHÃO, C. M. do S. de A. O sistema de educação superior mundial: entre a internacionalização ativa e passiva. **Revista Avaliação**, vol. 14, n 3, p. 583-610, 2009.

LUNA, José M. F. De.. **Internacionalização universitária**. 2000. Monografia (Especialização) - Curso de Admisnistração Universitária, Universidade Católica de Goiás, Goiás, 2000.

MALHOTRA, Naresh et al.,. **Introdução a Pesquisa de Marketing**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

MALHOTRA, Naresh. **Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006. 720 p. Tradução: Laura Bocco.

MEC. **O que é?** 2015. Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/o-programa;jsessionid=B961923C92C5507A15619F14C829E214>>. Acesso em: 21 out. 2015.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Turismo de Estudos e Intercâmbio: orientações básicas**. 2.ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010. 72 p. Disponível em: <[http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o\\_ministerio/publicacoes/downloads\\_publicacoes/Turismo\\_de\\_Estudos\\_e\\_Intercxmbio\\_Versxo\\_Final\\_IMPRESSxO\\_.pdf](http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_de_Estudos_e_Intercxmbio_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf)>. Acesso em: 31 maio 2016.

MOROSINI, M. C. Estado do Conhecimento sobre Internacionalização Universitária: princípios e práticas. **Educar**, vol. 28, p. 107-124, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n28/a08n28.pdf>>. Acesso em: 27 out. 2015.

NEVES, Antonio Maurício Castanheira das; NORTE, Angela Lopes. **Internacionalização e Mobilidade Acadêmica: Princípios e Ações para o Sucesso de uma Parceria de Intercâmbio Acadêmico**. 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/36937/Internacionaliza%C3%A7%C3%A3o%20e%20mobilidade%20acad%C3%AAmica%20Princ%C3%ADpios%20e%20a%C3%A7%C3%B5es%20para%20o%20sucesso%20de%20uma%20parceria%20de%20i.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 2 nov. 2015.

NEVES, Clarissa Eckert Baeta; MOROSINI, Marilia Costa. Cooperação universitária no Mercosul. **Revista Em Aberto**, v. 68, 1995. Disponível em:

<<http://rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1029/931>>. Acesso em: 26 out. 2015.

OCDE. **Education at a glance 2010: OECD Indicators**. Paris: OECD, 2010.

OLIVEIRA, MG; PAGLIUCA, LMF. Programa de mobilidade acadêmica internacional em enfermagem: relato de experiência. **Revista Gaúcha Enfermagem**, n. 33, v. 1, p. 195-198, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-14472012000100026](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472012000100026)>. Acesso em: 31 mai 2016.

OTERO, Manuel Souto. The socio-economic background of Erasmus students: a trend towards wider inclusion?. **International Review of Education**, v. 54, n. 2, p. 135-154, 2008. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1007/s11159-007-9081-9>>. Acesso em: 31 mai. 2016.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

INTERNATIONAL INSTITUTE OF EDUCATION, PROJETO ATLAS. **Open Doors 2015**. 2015. Disponível em: <<http://www.iie.org/~media/Files/Services/Website-2015/Project-Atlas-Infographic-2015.pdf?la=en>>. Acesso em: 31 mai. 2016.

RICCIO, Edson Luiz; SAKATA, Marici Gramacho. A Internacionalização da Educação Superior: Uma Pesquisa com Alunos Intercambistas Franceses e Brasileiros da FEA–Faculdade de Economia Administração e Contabilidade da USP. **Cadernos PROLAM/USP**, v. 5, n. 9, p. 279-296, 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/prolam/article/view/81815>>. Acesso em: 31 mai 2016.

RICHARDS, Greg; WILSON, Julie. **New horizons in independent youth and student travel: A report to the international student travel confederation (ISTC) and the association of tourism and leisure education (ATLAS)**. Amsterdam: International Student Travel Confederation, 2003. Disponível em: <[http://www.atlas-euro.org/pages/pdf/FINAL\\_Full\\_Report.pdf](http://www.atlas-euro.org/pages/pdf/FINAL_Full_Report.pdf)>. Acesso em: 31 mai. 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. (Org.). **A Globalização e as Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez, 2005.

SEBASTIÁN, Jesús. **Cooperación e internacionalización de las universidades**. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2004.

SIEBINGER, Ralf Hermes. **O Processo de Bolonha e a Universidade Brasileira: Aproximações a Partir da Análise de Documentos Referenciais**. 2013. 233 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, 2013. Disponível em: <[https://www.academia.edu/4713354/O\\_processo\\_de\\_Bolonha\\_e\\_a\\_universidade\\_brasileira\\_aproximações\\_a\\_partir\\_da\\_análise\\_de\\_documentos\\_referenciais](https://www.academia.edu/4713354/O_processo_de_Bolonha_e_a_universidade_brasileira_aproximações_a_partir_da_análise_de_documentos_referenciais)>. Acesso em: 01 nov. 2015.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. rev. atual. Florianópolis: UFSC, 2005. 138p.

SOUTO, Álvaro José de; REINERT, José Nilson. **Cooperação Internacional Interuniversitária: O Caso da UFSC**. Florianópolis: UFSC, 2004.

STALLIVIERI, Luciane. **As dinâmicas de uma nova linguagem intercultural na mobilidade acadêmica internacional**. 2009. 234 f. Tese (Doutorado) - Curso de Línguas Modernas, Universidad del Salvador, Buenos Aires, 2009. Cap. 3.

STALLIVIERI, Luciane. **Estratégias de internacionalização da Universidades brasileiras**. Caxias do Sul: Edusc, 2004. 143 p.

STALLIVIERI, Luciane. O processo de internacionalização nas instituições de ensino superior. **Educação Brasileira: Revista do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras**. v. 24, n. 48, p. 35-57, 2002. Disponível em: <[http://www.uces.br/site/midia/arquivos/processo\\_internacionalizacao.pdf](http://www.uces.br/site/midia/arquivos/processo_internacionalizacao.pdf)>. Acesso em: 22 out. 2015.

TANOUE, A. D.; MORILAS, L. R. A internacionalização do ensino superior no Brasil: um estudo de caso das políticas da Universidade de São Paulo. IN: **III Fórum da Gestão do Ensino Superior nos Países de Língua Portuguesa**. 2013. Disponível em: <[http://aforges.org/conferencia3/docs\\_documentos/SESSOES%20PARALELAS/2\\_Cooperacao%20Universitaria%20entre%20os%20Países%20e%20Regioes%20de%20Língua%20Portuguesa/A%20Tanoue\\_A%20internacionalizacao%20do%20ensino.pdf](http://aforges.org/conferencia3/docs_documentos/SESSOES%20PARALELAS/2_Cooperacao%20Universitaria%20entre%20os%20Países%20e%20Regioes%20de%20Língua%20Portuguesa/A%20Tanoue_A%20internacionalizacao%20do%20ensino.pdf)>. Acesso em: 28 Jul. 2015.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987. 175 p.

UFSC, COPERVE. **Relatório oficial do vestibular 2015**. Florianópolis: UFSC, 2015b. Disponível em: <<http://dados.coperve.ufsc.br/vestibular2015/relatorioOficial/vestcur12.pdf>> . Acesso em: 21 mar. 2016.

UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2015 – 2019**. Florianópolis: UFSC, 2014b. Disponível em: <<http://pdi.ufsc.br/pdi-2015-2019/>>. Acesso em: 29 out. 2015.

UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina. **Relatório de Gestão 2015**. Florianópolis: UFSC, 2015a. Disponível em: <<http://dpgi.proplan.ufsc.br/files/2016/04/Relat%C3%B3rio-de-Gest%C3%A3o-2015.pdf>>. Acesso em: 20 mar 2016.

UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina. **UFSC EM NÚMEROS - 2005 A 2014**. Florianópolis: UFSC, 2014a. Disponível em: <<http://dpgi.proplan.ufsc.br/files/2013/12/UFSC-EM-NUMEROS-2005-A-20148.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2016.

UNESCO. Conferência Mundial Sobre o Ensino Superior. **Tendências de Educação Superior para o século XXI**, Paris: Unesco/Crub, 1998.

UNESCO. **Recueil des données mondiales sur l'éducation: statistiques comparées sur l'éducation dans le monde**, Montreal: Unesco, 2008.

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ. **Programa Ciência sem Fronteiras oferece formação no exterior a 75 mil estudantes**. 2012. Disponível em: <<http://www.utfpr.edu.br/franciscobeltrao/estrutura-universitaria/diretorias/dirppg/noticias/programa-oferece-formacao-no-exterior-a-75-mil-estudantes>>. Acesso em: 22 out. 2015.

## APÊNDICE

### Apêndice A – Estrutura das Entrevistas e Questionários

#### CONTRIBUIÇÃO DO INTERCÂMBIO ACADÊMICO NA FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES DE ADMINISTRAÇÃO DA UFSC

As questões a seguir fazem parte do Trabalho de Conclusão de Curso de Administração da Universidade Federal de Santa Catarina da aluna Fernanda Silva Teodoro. Possui fins exclusivamente acadêmicos e visa levantar informações com objetivo de verificar e analisar as contribuições do intercâmbio acadêmico na formação dos estudantes de Graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Catarina.

1. Sexo:

Feminino

Masculino

2. Idade:

Menos de 17 anos

17 a 19 anos

20 a 22 anos

23 a 25 anos

26 a 29 anos

Mais de 30 anos

3. Renda Mensal Familiar:

Considere o salário mínimo R\$ 880,00

Menor que 1 salário mínimo

Entre 2 e 5 salários mínimos

Entre 6 e 9 salários mínimos

Entre 10 e 13 salários mínimos

Mais de 14 salários mínimos

4. Em que ano você iniciou seus estudos na UFSC?
5. Seu programa de intercâmbio foi realizado por meio da UFSC?  
Sim  
Não
6. Em que ano realizou o intercâmbio?  
Considere o intervalo de tempo do intercâmbio realizado.
7. Quanto tempo durou seu intercâmbio?  
6 meses  
1 ano  
1 ano e 6 meses  
2 anos
8. Em qual país foi realizado o seu intercâmbio?
9. Quais foram os motivos que o(a) levaram a escolher esse país?
10. Quais foram suas motivações para buscar um programa de intercâmbio?
11. Quais eram suas expectativas em relação ao intercâmbio?
12. Em relação as suas expectativas, quais delas realmente se concretizaram? O que ocorreu além das suas expectativas?
13. Quais foram os resultados percebidos com o intercâmbio em relação a contribuições  
PROFISSIONAIS?
14. Quais foram os resultados percebidos com o intercâmbio em relação a contribuições  
PESSOAIS?